

CDU: já feito

CDU Álvaro Cunhal em Aveiro, Coimbra e Setúbal

Págs. 1, 2, 3, 4 e 5/Semana

CDU Blanqui Teixeira na Madeira

Pág. 11/Semana

CDU CDU convida partidos
para debate público sobre a CEE

Pág. 6/Semana

CDU Carlos Costa em S. Pedro da Cova e Paranhos

Pág. 13/Semana

CDU Intelectuais tornam público apoio à CDU

Pág. 7/Semana

CDU: a fazer

CDU Encontro Nacional de Candidatos CDU amanhã
em Lisboa

Comício de Encerramento

No Coliseu dos Recreios

Oradores: Álvaro Cunhal, Herberto Goulart, Maria Santos, Ângelo Veloso, Maria do Carmo Ramos, Rogério Moreira, Luísa Amorim, Inês Fontinha

10 de Junho — 21 horas

CDU Jornada Nacional de Propaganda CDU: 12, 13 e 14
de Junho

CDU Álvaro Cunhal nos distritos de Castelo Branco e
Guarda

Agenda

... e o Governo ao serviço da campanha do PSD

Só no distrito do Porto, em pouco mais de quatro semanas duas dúzias de actos públicos com Cavaco e ministros demitidos

Págs. 8 e 9/Semana

3.º Congresso da União dos Sindicatos de Lisboa

Pág. 12 Semana



Encontro das delegações do Partido Comunista do Sudão e do PCP no Centro de Trabalho do Soeiro Pereira Gomes

Delegação do PC do Sudão visita Portugal

De visita a Portugal, uma delegação do Partido Comunista do Sudão, dirigida pelo seu secretário-geral, Mohamed Ibrahim Nugud, acompanhado pelo secretário das Relações Internacionais, Mohamed Mohgoab Osman, foi recebida pelo secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal.

A delegação do PC do Sudão encontrou-se depois com uma delegação do Partido Comunista Português, que integrava Sérgio Vilarigues, da Comissão Política e do Secretariado do CC, e Albano Nunes, responsável da Secção Internacional do Comité Central

CGTP lança apelo:

Há que acabar com a exploração de crianças

• **O Governo legitima-a,
em vez de a punir**
— **acusa a Central**

Pág. 11 Semana

Avante!

Devido à antecipação de saída deste número do «Avante!» imposta pelo feriado de 10 de Junho, a presente edição compreende apenas três cadernos (**Editorial, Semana e Agenda**) num total de 24 páginas. Recordamos que na próxima semana o «Avante!» sairá na quarta-feira, dia 17.

A jovem CDU está na rua

Estamos em pleno auge da pré-campanha para as eleições antecipadas de 19 de Julho.

A corrida começou. A jovem CDU está na rua e revela-se um corredor fogoso de insuspeitadas energias.

Os portugueses elementarmente informados começam desde já a dispor de condições mínimas para uma avaliação realista das forças em presença. Dos seus métodos de acção. Das suas propostas políticas. Das suas possibilidades concretas de representação na futura Assembleia da República e no Parlamento Europeu.

A CDU entrou na corrida eleitoral de maneira vigorosa e esclarecida. Tudo aquilo que condensa de experiência acumulada, de activo património de luta ao serviço do povo e do País, de visionamento correcto da conjuntura e das perspectivas imediatas e a mais largo prazo se está afirmando positivamente na prática e vai continuar a afirmar-se até ao momento decisivo do voto.

Uma particularidade notável da CDU não pode deixar de ferir a atenção do observador político objectivo e isento: aqueles que de maneira consequente mais lutaram ao longo dos meses pelo derrubamento e a substituição do Governo Cavaco/PSD e por uma alternativa democrática de governo e de política, os que de forma esclarecida se pronunciaram por uma solução da crise no quadro institucional existente sem recurso a novas eleições, estão agora resolutamente na batalha eleitoral com todo o seu dinamismo e uma exacta compreensão do carácter decisivo destas eleições para uma necessária saída democrática da crise actual.

E estão com todas as suas forças, a sua inteligência política, a sua capacidade organizativa, a sua forte expressão unitária e popular. O peso da CDU influi decisivamente na marcha e no sentido dos acontecimentos — influirá decisivamente na derrota da direita em 19 de Julho e nos seus resultados.

Derrotar a direita nas eleições torna-se cada vez mais um objectivo político central das forças democráticas.

Apesar das visões distorcidas, da fraseologia eleitoralista e de contradições de ordem vária de partidos democráticos, designadamente do PS e do PRD, aquele objectivo central imediato começa a ganhar a profunda adesão das massas populares.

A derrota da direita já começou. Impõe-se continuá-la até ao acto decisivo de 19 de Julho e acentuá-la no período imediato. Só a convergência das forças democráticas pode, porém, garanti-la.

A derrota de Cavaco Silva, do PSD e da direita restauracionista no seu conjunto começou com a aprovação na AR da moção de censura,

tem continuado com a derrocada dos mitos da direita governante e com a crescente determinação do movimento popular de massas. É imperioso que assuma expressão insofismável e terminante nas eleições de 19 de Julho.

Cavaco e o seu Governo, que a imprevidência política e a errada decisão do Presidente da República deixou à frente do País para prejudicar a democraticidade do acto eleitoral, tem engolido sucessivamente algumas das suas arrogantes «sentenças», conceitos e leituras facciosas da situação política do País, tem mostrado no exercício do Poder, nesta fase transitória, em clara exorbitância das suas funções de gestão, o seu cariz antidemocrático.

Mostrou-se aquilo que é: um político desajeitado e falho de adaptabilidade às regras e ao confronto democráticos.

Cavaco Silva não se sente à vontade nas roupas do regime democrático e tenta violentar e formalizar o País à sua imagem e semelhança. O seu projecto autoritário e fascizante «tem o rabo de fora», as suas novíssimas predilecções pela «centro» são manifestamente contranatura.

A decantada «ilegitimidade» da moção de censura na altura menos desejada por si — e por isso «ilegítima» — caiu por terra. O «indesejável espectáculo» de uma crise política num país da CEE, capaz de transmitir de Portugal uma imagem de «instabilidade» (agora com os «indesejáveis espectáculos» de mais três países da CEE — Grã-Bretanha, Itália e Espanha — igualmente a braços com eleições antecipadas), foi outra das monumentais gafes nada abonatórias da sabedoria política do Primeiro-Ministro em comandita.

Mesmo mantidos na sombra para não desfigurar a imagem eleitoral do Governo que uma televisão manipulada e governamentalizada leva a todos os recantos do País, os índices da situação económica e social sob a administração cavaquista vão rompendo a cortina do silêncio e mostrando a sua dramática face, vão desmentindo as «sábias» medidas e previsões da cavaquismo.

O défice do Orçamento do Estado que já nos primeiros três meses de 1986 sob o Governo de Cavaco aumentara de 56%, apontam neste mesmo período de 1987 para um défice muito superior aos dos 9,5% apontado por Cadilhe.

Os decantados planos de desenvolvimento das regiões interiores são desmentidos pela concentração do investimento nos distritos mais industrializados, (Porto com 25% dos projectos, Aveiro, Braga, Lisboa e Leiria, regiões do litoral onde contudo abundam as carências — e com excepção de Setúbal que nada recebeu — recolhem 77% do total dos projectos e 66% dos montantes do investimento).

Sob a máquina trituradora monopolista da CEE acentuou-se a nossa dependência económi-

ca e intensificaram-se os ventos de destruição da nossa capacidade produtiva na indústria e na agricultura. Na produção da vinha, do leite, do azeite, das pescas, do têxtil, da metalomecânica, da siderurgia os «planos de reestruturação» da CEE são profundamente nefastos para Portugal.

Os «excedentes» para cuja arrecadação o Governo de Cavaco aceitou pagar 3 milhões de contos incidem sobre produtos de que somos deficitários, que importamos largamente (como o leite, a carne de bovino, o trigo, a cevada, e outros diversos cereais) e que ainda se pretende reduzir na nossa produção a favor dos grandes produtores da CEE.

A eleição de deputados da CDU ao Parlamento Europeu, elevará a capacidade de resistência do povo português às decisões arbitrárias dos grandes monopólios eurocentrais, fará ouvir a voz dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores, industriais e comerciantes portugueses no seio da Comunidade Europeia para onde o Governo cavaquista e os advogados da adesão à CEE transferiram os centros de decisão da nossa vida económica e social.

Derrotar a direita implica reconhecer que a base eleitoral e política do cavaquismo não é imutável nem estática.

As concepções expressas por Constâncio, Guterres e outros dirigentes socialistas apontam não para a derrota da direita, que afirmam pretender, mas para «pactos de regime» e «acordos de cavalheiros» entre o PS e o PSD que no fundo fariam o jogo às forças sociais e políticas que se situam na área da direita e conduziriam a uma autêntica desfiguração do regime democrático.

A «bipolarização» alternante, que ressuscita conceitos que sofreram pesadas derrotas no passado, é agora exposta com características refinadas.

O apelo de Guterres ao voto no PSD é uma coisa aberrante de que os socialistas, em particular os trabalhadores socialistas, certamente tirarão as suas conclusões.

Guterres disse com todas as letras que «só votando no PSD e no PS» se conseguirá a «alternância» no governo! Guterres faz apelo ao voto no PSD.

É verdade que Constâncio disse que iria concentrar o fogo do PS sobre o PSD «desprezando o PRD e o PCP» mas de uma forma ambígua que não é senão uma maneira diferente de exprimir os conceitos bipolarizantes de Guterres.

A caça ao voto útil no PS parte daquela linha estática entre a direita e a esquerda que fundamenta as concepções da fantasista ambição da maioria absoluta do PS à custa do voto dos eleitores dos outros partidos democráticos, da ideia mirabolante de que as eleições de 19 de Julho são a «3.ª volta das eleições presidenciais».

Resumo

3

Quarta-feira

A União dos Sindicatos do Porto efectua um plenário de dirigentes e delegados sindicais e de comissões de trabalhadores ■ O Governo instruiu os gestores de empresas de sectores importantes para boicotarem nego-



ciações e provocarem conflitos no período eleitoral — acusa a FSTRU ■ É constituída em Évora a Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas ■ Uma portaria do ministro das Finanças altera a regulamentação das vendas a prestações ■ Uma jovem norte-americana revela que penetrou no centro vital da base aérea de Vandenberg, destruiu um computador do sistema «Navstar» e voltou para São Francisco à boleia; usou um martelo, um berbequim e um alicate ■ A Armada do Sri Lanka intercepta barcos indianos que transportavam mantimentos para a população civil da península de Jaffna, onde prosseguem combates violentos entre o exército e os separatistas tãmil ■ Erich Honecker inicia uma visita à Holanda

4

Quinta-feira

Trabalhadores corticeiros cortam a estrada nacional n.º 1 em Lourosa protestando contra a má-fé patronal na negociação do CCT ■ Na Comissão Permanente da AR o deputado do PCP, Jorge Lemos denuncia os excessos propagandísticos do Governo Cavaco/PSD ■ A Coligação Democrática Unitária propõe aos partidos com deputados no Parlamento Europeu um debate público sobre a CEE e as consequências da adesão portuguesa ■ A comissão intersindical da Lisnave afirma que não aceitará o pagamento com acções dos salários atrasados ■ Maria Santos, candidata da CDU, visita as praias de Porto Covo (Sines),



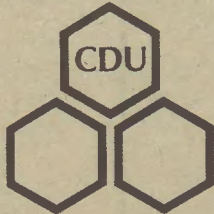
afectadas pelo derrame de petróleo do navio «Nisa» ■ Na quarta visita ao Porto num mês, Cavaco Silva é recebido com protestos, nomeadamente pela vereação da CMP ■ Em Gaza, Cisjordânia e Jerusalém inicia-se uma greve geral de dois dias contra a ocupação israelita que dura há 20

anos ■ O governo sul-africano anuncia o aumento das verbas para as forças armadas e a polícia ■ O parlamento da RFA aprova a proposta do governo para aceitar a *dupla operação zero*, que prevê a retirada da Europa de mísseis de médio e curto alcance ■ Comissões de moradores dos bairros pobres de Santiago organizam uma «marcha de fome» na capital chilena; a ditadura, mais uma vez, responde com repressão ■ A Nova Zelândia declara-se zona desnuclearizada e proíbe a passagem de navios com armas nucleares pelas suas águas territoriais ■ Inicia-se no Porto o 10.º Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica

5

Sexta-feira

A FACAR antecipa o pagamento de parte dos salários em atraso do mês de Maio após acções de protesto na semana passada ■ Trabalhadores da Sitenor, com salários em atraso há dois meses e a administração demissionária desde ontem, reclamam no Governo Civil do Porto a viabilização da empresa e a manutenção dos postos de trabalho ■ A CDU protesta contra a manipulação da imprensa estatizada, divulgando um estudo que mos-



tra como o governo está a fazer de jornais públicos seus megafones ■ É anunciada a renúncia de Glória Padão e de Manuel Leal Freire, candidatos do PRD pelo Porto ■ O Governo cria «subsídios» para desempregados que queiram mudar-se para zonas de pleno emprego ou mesmo de «absoluta escassez de mão-de-obra» ■ Num encontro de autarcas e ecologistas portugueses e espanhóis em Lisboa é fortemente contestado o projecto IPES e a construção de uma lixeira nuclear em Aldeadávila de la Ribera ■ Várias iniciativas assinalam o dia mundial do ambiente ■ As forças armadas das Honduras decidem expulsar do país os cabecilhas dos grupos anti-sandinistas e dão aos *contras* um prazo de dez dias para desmantelarem os seus acampamentos ■ Hussein Hussein demite-se de presidente do Parlamento libanês ■ Os depoimentos ouvidos «sugerem que o presidente Reagan não só estava ao corrente, como autorizou» as acções que estiveram na origem do Irangate — afirma o presidente da comissão senatorial que investiga o escândalo ■ O Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos anuncia que chegou a acordo com a companhia estatal de transportes e que vão ser readmitidos 16 mil ferroviários negros despedidos

6

Sábado

Realiza-se a IV Assembleia da organização concelhia do Barreiro do PCP ■ Reúne no pavilhão do Sacavenense o 3.º Congresso da União dos Sindicatos de Lisboa ■ A FENPROF

revela que seguiu já para publicação no «Diário da República» a lei que revoga o despacho 32/EBS/87, que fazia do português disciplina eliminatória do 5.º ao 9.º anos ■ «A campanha eleitoral do PS vai ser essencialmente de crítica ao PSD» — afirma António Guterres à RFM, insistindo que «o PRD não tem razão de existir», «o PCP é um partido do passado» e os eleitores devem «concentrar votos no PS e no PSD» ■ Ramalho Eanes afirma em Castelo Branco que o PS «quer reduzir o PRD para não ter uma consciência política a fugitá-lo e impedi-lo de fazer acordos com a direita» ■ Álvaro Cunhal declara na Antena Um que «os partidos democráticos não se podem degladiar no campo democrático» ■ As ORT's da segurança social da zona centro efectuem o seu primeiro encontro, em Aveiro ■ O Presidente da República visita a Marinha Grande a convite da Câmara Municipal ■ O Irão expulsa cinco diplomatas britânicos, após o encerramento do consulado iraniano em Manchester na quinta-feira ■ O jornal «Sovietskaja Rossia» afirma que o voo do piloto federal-alemão que aterrou na Praça Vermelha pode ter por trás opositores ao controlo de armamentos

7

Domingo

«Jaime Cortesão combateu a reacção e defendeu a instauração da democracia junto com os comunistas» — revela Alvaro Cunhal em São João do Campo ■ «Os Verdes» apresentam à comunicação social os seus candidatos (28) às eleições de 19 de Julho e manifestam a convicção de que terão na AR um grupo parlamentar ■ O plenário de conselhos regionais da Ordem dos Médicos manifesta-se contra a lixeira nuclear em Aldeadávila, aprova um voto de censura ao director-geral dos hospitais e uma moção de solidariedade aos médicos desvinculados da função pública ■ O MNE da RFA, Hans-Dietrich Genscher, declara que a manutenção neste país de 72 mísseis Pershing-1 não é uma condição posta por Bona para o desarmamento nuclear mas «uma posi-



ção de negociação dos EUA» ■ A rainha Isabel II (chefe de Estado das ilhas Fidji) recusa-se a receber o primeiro-ministro deposto, Timoci Bavadra ■ As forças armadas e a polícia do Sri Lanka entram em estado de alerta geral após um ataque de guerrilheiros à base de Katunyaka, a 30 km de Colombo ■ O Benfica derrota o Sporting por 2-1 na final da Taça de Portugal, de futebol.



Vitor Constâncio e os que alinham no PS pelas suas concepções mostram ter vistas curtas das opções e da consciência política dos democratas mais consequentes, em particular dos comunistas que têm da situação actual e da saída para a crise uma visão diferente, uma firme convicção de que a derrota da direita e o seu dia seguinte exigem a convergência, o entendimento, o diálogo e a alternativa do conjunto dos partidos democráticos e não a fantasista hegemonia de um só — o Partido Socialista.

Constâncio e os que no PS alinham as suas concepções considerarão como inamovíveis do PSD, operários, portugueses do povo rural, da pequena e média burguesia e da intelectualidade que erradamente deram antes o seu voto ao PSD e mesmo ao CDS, que acreditaram nos «milagres» da política económica cavaquista, nas suas falsas promessas, na sua actividade «esmolera»?

O mais que se pode dizer é que isto é filosofia de derrota e que os autores e «advogados» de tais concepções não aprenderam nada com a experiência da vida e dos seus próprios partidos; nada concluíram de útil para a defesa e consolidação do regime democrático e do 25 de Abril.

A jovem CDU aparece na arena eleitoral para concitar para as suas listas o voto dos cidadãos, para criar e ampliar a base necessária para derrotar a direita e assegurar uma alternativa de governo e de política que dê solução aos agudos problemas nacionais.

Os trabalhadores, as mulheres, os jovens, os reformados e pensionistas encontram na CDU os determinados combatentes pelos seus interesses vitais. Esse é o seu terreno mais seguro.

Os democratas verdadeiramente desejosos de assegurar o triunfo da democracia têm na CDU a trincheira mais segura de defesa dos seus ideais do seu empenhamento democrático.

Para os homens, as mulheres e os jovens que estão vindo em massa ao projecto eleitoral da CDU assegurar a defesa do regime democrático não é passar à defensiva é, pelo contrário, passar à ofensiva contra os que de uma forma ou de outra prejudicam a causa da democracia e favorecem o projecto restauracionista totalitário da direita.

Votar na CDU é travar os caminhos para novas alianças antidemocráticas, para novos «blocos centrais» que ressuscitariam a política da direita, é afinal a forma mais útil, mais sólida e mais válida para serem conseguidas a convergência e a vitória das forças democráticas.

Com alegria, com confiança, com determinação batalhemos por uma grande afirmação política da CDU, por uma grande votação na CDU.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º — 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º — 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 — 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alcarova de Baixo, 13 — 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º — 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 — Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B — 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50

Porto — Rua do Almada, 18-2.º, Esq.º — 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Hesk Portugal — R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Maio: 30 338

Álvaro Cunhal nos distritos de Coimbra e Aveiro

Com chuva, ou sem ela, nada pára a CDU!



Aveiro

Fica na memória cada lugar por onde se passa. Com o povo é assim. Chega-se, conversa-se e às tantas fica-se a ouvir o que dizem as pessoas, o relato dos pequenos dramas das suas vidas, a crónica afinal das consequências reais da política de Cavaco e do seu governo.

São pequenas aldeias, alguns dos sítios por onde passou o secretário-geral do PCP, terras que não merecem as atenções da RTP, onde nada de «relevante» acontece que justifique a atenção dos grandes meios de comunicação social.

«Relevante», dissemos, assim mesmo, entre aspas. Pois como é possível esquecer o rosto daquele pequeno agricultor, rendeiro, ameaçado de perder a sua terra, a terra que alimentou os seus avós e isso em nome de um falso emparcelamento? Como esquecer a confiança, a vontade, a alegria que bailava nos olhos daquele jovem presidente de Junta, mostrando o trabalho realizado em conjunto com a população, apontando o muito (tanto) que havia ainda por fazer? Como não sentir também raiva ao olhar para aquele casal que chorava as condições que não tem para tratar e educar o seu filho deficiente? E aqueles idosos reformados que têm para sobreviver uma quantia igual a metade do salário mínimo nacional?

Lugares onde, apesar de tudo isto e em contradição com a verdade crua da sua vida, muita gente (enganada) continua a acreditar nas pro-

messas de Cavaco e da direita, terras onde ainda proliferam velhas e gastas histórias sobre os comunistas. Terras, por isso mesmo, onde mais necessário se torna fazer ouvir a voz do PCP, a voz da CDU.

S. João do Campo. A mudança já começou

Ali começou a visita de Álvaro Cunhal pelo distrito de Coimbra. Em S. João do Campo, terra que muito recentemente saltou para as páginas dos jornais, a propósito dos resultados das recentes eleições antecipadas para a Junta de Freguesia que deram a vitória à então APU.

Terra onde, dizia o jovem agricultor presidente da Junta de Freguesia, João Bizarro, um dos maiores problemas «são os caminhos». «Precisávamos de 30 mil



Aveiro



Coimbra: caravana da juventude



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO
DO PARTIDO
COMUNISTA PORTUGUÊS

Nacional

Álvaro Cunhal nos distritos

PSD chumba Português não

A escassos dias do termo do ano lectivo foi finalmente enviado para publicação no «Diário da República» o diploma que revoga a «lei do Português».

Por iniciativa parlamentar do PCP, aprovada na AR, o despacho governamental que instituía o Português como disciplina eliminatória do 5.º ao 9.º ano de escolaridade foi revogado há algum tempo atrás, mas só agora a questão deixou de ser um quebra-cabeças para professores e alunos. Por razões incompreensíveis — ou talvez não — o Governo PSD, através do Ministério da Educação, parece ter feito gala em manter a «suspense» sobre o assunto, como que apostado em levar às últimas consequências o confronto com o Parlamento.

Chegou mesmo a temer-se que a não publicação atempada do diploma levasse à insólita situação de se registarem milhares de chumbos ao abrigo de legislação sem força de lei. Com efeito, a revogação proposta pelo PCP, aprovada pela AR e promulgada pelo Presidente da República, não seguiu os trâmites normais exigidos pela lei; ou seja, foi retida nalguma gaveta ministerial, ou outra, em vez de ser encaminhada para publicação no «Diário da República», como se sabe condição indispensável para a sua efectiva entrada em vigor.

O que não aconteceu. Mais grave ainda, até há pouco, ignorando o referido diploma, o Ministério da Educação continuava a informar as escolas de que deveriam proceder de acordo com o despacho 32/EBS/87 — a famigerada «lei do chumbo a Português». Ou seja, dava ordens aos professores para que chumbassem todos os alunos com negativa naquela disciplina. Entende-se a confusão e perplexidade gerada com semelhante atitude. Em vésperas das reuniões de professores para a atribuição de notas e apuramento dos resultados escolares, pretendia-se obrigar os professores a cumprir um despacho que se sabia não ter qualquer legitimidade.

Pode-se especular com as razões que presidiram a este singular procedimento, mas sem dúvida que a conclusão mais óbvia é que, uma vez mais como ao longo do ano e meio que permaneceu no Governo, o PSD pretendeu passar por cima das deliberações da AR, numa sede de poder absoluto que não conhece limites.

Não fora a acção atenta e persistente da Federação Nacional dos Professores (FENPROF), dos encarregados de educação e de outras forças (políticas e sociais), estaríamos hoje a braços com mais uma ilegitimidade governativa.

A celeuma provocada pela «lei do Português» está bem presente na memória de todos. Desde o início que os principais interessados — pais, professores e alunos — se manifestaram contra ela, conscientes que não é através da penalização pura e simples dos alunos que se resolvem os graves problemas do ensino e, em particular, do Português.

É evidente que todos estamos de acordo quanto à importância e necessidade de conhecimento e domínio correctos da nossa própria língua, mas não é de modo algum aceitável que se procure atingir tal objectivo escamoteando as razões primeiras das deficiências registadas neste campo. Tal como uma casa não se começa pelo telhado, também os problemas do ensino se não resolvem penalizando os últimos elementos da intrincada cadeia que é o ensino em Portugal.

Como afirmou a FENPROF a propósito da reposição da legalidade neste caso, esperamos que «os futuros responsáveis pela Educação sigam um caminho diferente e, através do diálogo com outros intervenientes no processo educativo, sejam capazes de criar condições para um eficaz e sério ensino do Português.»

Coisa que o Governo PSD não foi capaz de fazer. A negativa a Português já não chumba, mas as sucessivas negativas que o PSD tem vindo a juntar justificam plenamente o chumbo nas próximas eleições.

contos para a pavimentação, mas isto com a participação das populações vai. Num mês fizeram-se aqui cerca de 500 horas de trabalho voluntário, tem que ser assim, temos que ser nós a resolver, a empurrar as coisas para a frente».

Em S. João do Campo, no discurso que proferiu no largo repleto de gente, o camarada Álvaro Cunhal explanou as linhas essenciais do discurso que levaria a todos os pontos por que passou neste domingo. Desde logo, e porque estávamos na maior freguesia agrícola do concelho de Coimbra, os problemas da agricultura, causados pela política desastrosa do Governo de Cavaco Silva (problemas aliás agravados pela integração na CEE) questão naturalmente referida tendo em conta a simultaneidade das eleições do Parlamento Europeu com as da Assembleia da República. Os preços dos produtos agrícolas que não compensam, os gastos nos pesticidas, nos adubos, nos combustíveis (recentemente aumentados). Em seguida a importância de votar na CDU como a única forma de contribuir seriamente para a alteração real da situação, desmistificando as ilusões que, entretanto, partidos democráticos como o PS vêm semeando entre os democratas sobre o voto útil, da mesma forma que as responsabilidades do PRD — pelas suas repetidas indeci-



Carapinheira

sões e hesitações — na (des)governança de Cavaco.

Votar CDU é, por isso, tão necessário quanto o é o único voto útil dos que defendem a unidade e a convergência dos democratas na procura de uma solução democrática, de um governo democrático para resolver os problemas do povo e do País. E em boa altura se falava de unidade entre os democratas. Estávamos na terra natal de Jaime Cortesão e a propósito desta figura da cultura portuguesa teve Álvaro Cunhal oportunidade de referir a sua personalidade



Avelro



Soure



Soure

Nacional

de Coimbra e Aveiro

de democrata e antifascista. Referindo as situações em que conviveu de perto com Jaime Cortesão durante os anos da Guerra Civil de Espanha, o camarada Álvaro Cunhal referiu «muitas e muitas vezes, com outros democratas, estivemos juntos a apelar à unidade de todos na luta contra o fascismo».

Quase que a testemunhar estas afirmações, estava a informação dada depois por João Bizarro de que a Junta de Freguesia desenvolve todos os seus esforços com vista à recuperação da casa (hoje em ruínas) onde nasceu Jaime Cortesão.

Carapinheira do Campo. O Governo e a chuva

«É, um pouco de chuva agora fazia mesmo bem, aí para as colheitas», dizia um pequeno agricultor de Carapinheira do Campo, segunda paragem no distrito de Coimbra. Mas ainda que a chuva pudesse resolver alguns dos problemas destes pequenos agricultores, outros problemas há, mais de fundo, que só outro Governo pode defender. Sobre a batata (que agora está a 17\$00 mas que já esteve a 40\$00) outro pequeno agricultor considera que «é uma seara que fica muito cara ao pequenino» — forma tão simples e verdadeira de denunciar a política que tem sido seguida no campo da agricultura, jamais a favor dos que constituem a esmagadora maioria da população agrícola do nosso país, os pequenos agricultores. «Os grandes que têm tudo é que estão bem, nós, os pequenos, só temos enxada».

Aqui teve Álvaro Cunhal oportunidade de se referir com mais detalhe à questão da CEE e às desastrosas consequências da integração. Também à Carapinheira não chegaram os prometidos milhões da CEE para resolver os problemas da agricultura. A situação, considerou o orador, é que cada vez mais os pequenos agricultores estão em pior situação, cada vez mais a nossa agricultura está dependente das determinações da CEE. Enquanto os agricultores de Carapinheira se queixam da baixa do preço da batata — lembrou Álvaro Cunhal — em Cabo Ruivo, para os lados de Lisboa apodrecem milhares de toneladas de batata importada. E que dizer da produção dos pêssegos ou da laranja, importada de Espanha enquanto os nossos agricultores do Algarve e de outras regiões não conseguem escoar a que produzem?

Mas nem só de CEE se falou na Carapinheira. Também se falou de crianças. E a que propósito? De um jardim de infância construído em Vila Verde, Figueira da Foz, com os fundos da AE-COD e que só a luta da população tornou possível a sua instalação definitiva, já que a Junta e a Câmara queriam impedi-la.

E de outros problemas

mais gerais, como o daquela mulher que dizia «nem água temos em casa, temos que a ir buscar lá longe, de burro ou à cabeça».

E daqui a mesma conclusão, confirmada por décadas de História que o momento presente ajuda a confirmar: a imprescindibilidade da presença dos comunistas e das forças que integram a CDU para uma alternativa democrática no nosso país.

Dizer o que se quer, cumprir o que se diz

Soure e Condeixa, com chuva ou sem ela, aguardou a pé firme o secretário-geral do PCP. No primeiro caso à volta de uma sardinhada à beira-rio, no segundo escutando as palavras do orador em mais uma breve passagem da caravana — breve, que a jornada era longa, mas animada e concorrida como foi em qualquer dos pontos de encontro previstos com as populações. Cabem aqui duas citações apropriadas: em Soure um antigo membro do PS, eleito para a Assembleia de Freguesia, afirmava para quem o queria ouvir que «isso foi nas últimas eleições, agora o meu lugar é aqui!», enquanto um repórter da RTP, interceptando fugazmente Álvaro Cunhal numa das suas paragens, quis saber como ia a campanha, ouvindo como sorridente resposta que «pergunta-me a mim, mas a própria RTP tem a resposta, basta olhar e ver». E viu-se: numerosas bandeiras da CDU drapejando no meio da multidão, eram a imagem cabal do grande entusiasmo que esta deslocação do secretário-geral do PCP despertou.

Seguiram-se três notáveis realizações de massas — o que, traduzido por miúdos, significa simplesmente grandes encontros com as populações onde as palavras do orador foram bem mais que o corpo de um discurso, para se transformarem, com frequência, em pedagógico diálogo com as pessoas, fluindo através dos seus problemas concretos e enquadrando-os na ruínosa situação socioeconómica em que o Governo de Cavaco atolou o País.

Essas realizações ocorreram em Aveiro, Praia de Mira e Buarcos. Se a última constituiu um comício de assinalável êxito, se a segunda mostrou que a CDU também já chegou em força à beira-mar, a primeira, em Aveiro, evidenciou que não há «zonas adversas» que eternamente se couracem em relação a forças políticas que dizem com clareza o que querem e cumprem com honestidade o que dizem.

De assinalar ainda, em Aveiro, a intervenção de Selça Neves membro da Intervenção Democrática e candidato da CDU pelo Porto (que criticou severamente as teses actualmente defendidas pelo PS e pelo MDP e homenageou Vital Moreira, presente no comício) e a leitura de uma mensagem enviada por Zita Seabra, ausente por doença.



S. João do Campo



Condeixa



Formoselha

Nacional

Álvaro Cunhal no distrito de Setúbal

«As coisas estão a andar bem»

Um movimento pouco comum, para aquela hora e local, começava a verificar-se. De diferentes ruas, converge para o jardim, em número crescente, gente de todas as idades. As sombras são procuradas e, a pouco e pouco, ocupadas. Vão rareando. O espaço de convívio alarga-se. Temas soltos, de circunstância, ocupam a conversa de pequenos grupos. Em pé, nos bancos do jardim público, nas soleiras das casas brancas que circundam a praça. Outros, têm já a sua atenção dirigida para um improvisado palanque. Um grupo de jovens — «Riba Sado», de seu nome — executa temas de música popular. O dia, embora ainda manhã, está quente. Há sol. Muita luz. Estamos em pleno Alentejo.

Torrão, freguesia do concelho de Alcácer do Sal. Dez horas. Pontualmente, acaba de chegar o secretário-geral do PCP. Sucedem-se as habituais manifestações de carinho. Abraços, palmas, beijos, flores, são a forma escolhida de dizer «bem-vindo».

Uma apresentação breve, dá de imediato lugar a outras palavras: «tenho vindo a apreciar os quilómetros de olival, aqui, na vossa zona. Reparei que são velhas oliveiras, algumas por ventura com mais de cem anos. Mas não encontrei oliveiras novas. Os produtores, que têm um belo azeite poderão no futuro não fazer o

mente na batalha eleitoral que se aproxima, os temas surgem fluidos no discurso do dirigente comunista. De forma directa, clara, as palavras empregues permitem fazer chegar com facilidade a mensagem e as ideias. Não há barreiras na comunicação. Um convite permanente ao diálogo, um desafio à livre expres-

nista cumpria mais um fim-de-semana de esclarecimento no decorrer do qual teve ensejo de falar e contactar de perto com muitos milhares de pessoas que acorreram a iniciativas inseridas numa grande acção política que os comunistas e outros democratas seus aliados desenvolvem no quadro da jovem Coligação Democrática Unitária.

Torrão, Santa Suzana, Casebres, Águas de Moura, Pinhal Novo, Sarilhos Grandes, Moita, Sesimbra e Almada, constituíram etapas de um animado périplo marcado invariavelmente por extraordinárias manifestações de adesão popular, entusiasmo e confiança.

Optimismo

Confiança continua a ser, de resto, o aspecto mais marcante evidenciado pelos participantes nas variadíssimas iniciativas realizadas nas últimas semanas, seja o grande comício com a presença de milhares de pessoas, seja a breve passagem por uma cidade ou lugar.

As razões para tal optimismo são, aliás, compreensíveis e naturais. Numerosos indicadores revelam que a «máquina» — entenda-se o projecto unitário CDU — está a carregar bem, tem um bom motor, está bem oleada, tem uma rota segura do caminho a percorrer e tem sobretudo bons pilotos e navegadores.

Mas não se trata, apenas, de receptividade quanto ao que são e ao que representam o projecto e propostas do PCP e da CDU. Mais do que uma atitude de aceitação e acordo, as pessoas que acorrem às iniciativas mostram também a sua disponibilidade e vontade para serem elas igualmente mensageiras do projecto, intervenientes activos na batalha de esclarecimento em curso.



Álvaro Cunhal no **Torrão**: Ouve-se falar nos milhões da CEE. Onde é que estão? Chegou aqui alguma coisa? A CEE foi um mau negócio para Portugal. Deixamos de poder produzir de acordo com as nossas possibilidades e necessidades. Os agricultores estão ameaçados de ficarem com as suas produções por escoar. São os cereais, o vinho, o tomate, a fruta, as oleaginosas e tantos outros produtos...



... em **Casebres**: O Governo faz muita demagogia mas a realidade aí está para demonstrar o contrário do que afirma. O Governo tem cometido verdadeiros crimes contra a Reforma Agrária, tal como contra as empresas públicas, os agricultores, os reformados, a juventude e outras camadas desfavorecidas da população a quem tudo promete sem contudo nada cumprir. Por isso o Governo foi demitido e bem...

Jovens na CDU

Mas se a alegria, a cor, a confiança, têm sido a tônica das acções realizadas, não é menos verdade — e daí este justo destaque — que tal se deve em boa parte à activa participação de mulheres e muito especialmente de jovens.

Com as suas formas próprias, as suas ideias, a sua criatividade, os jovens têm sido com efeito excelentes

portadores deste projecto colectivo, afirmando-se simultaneamente como um pólo dinamizador de toda a acção política que a CDU leva a cabo intensamente por todo o País.

Como lembrou Álvaro Amaro, jovem candidato pelo círculo de Setúbal ao explicar no comício de Pinhal Novo as razões desta adesão «só a CDU nos garante — as palavras são já suas — novas perspectivas de vida, desenvolvimento e modernização

do País, a realização dos nossos sonhos».

Um destaque merece também na jornada do último sábado o grandioso comício realizado à noite, na «Festa da Amizade», em Almada (ver caixa), acto que reuniu muitos milhares de pessoas e que constituiu um dos momentos altos desta festa, já hoje com um lugar obrigatório no calendário das grandes realizações político-culturais da Margem Sul.

«Há que ir com confiança para a batalha. Estamos animados. Há cada vez mais entusiasmo, participação, vontade de lutar e de atirar Cavaco para a rua. E não vamos para perder. Vamos para ganhar!»

azeite que querem. Há risco de termos de reduzir a produção por causa da CEE. Tal como em muitos outros produtos não poderemos produzir o que queremos e o que necessitamos».

Convite ao diálogo

Estava dado o pontapé de saída. Desta feita, coubera à problemática da CEE, e designadamente às suas consequências negativas, iniciar as palavras de esclarecimento. Embora centradas natural-

são de outras opiniões é mantido. Projectados na realidade local ou regional, através de exemplos concretos, os grandes temas nacionais que ocupam o discurso são acolhidos com interesse.

Foi no sábado. No sul do distrito de Setúbal, por terras da Reforma Agrária. Iniciava-se mais uma longa maratona de esclarecimento que levaria sucessivamente Álvaro Cunhal a participar em nove iniciativas em outras tantas diferentes localidades. Atravessando praticamente todo o distrito, percorrendo centenas de quilómetros, o líder comu-



... no **Pinhal Novo**: O PS diz já hoje que não quer nada com os comunistas e vira as costas ao PRD. Amanhã, se por acaso obtivesse os votos da esquerda não seria para fazer uma política democrática mas para se aliar à direita. É preciso que os democratas se unam. Por isso já que se fala em voto útil pode dizer-se que os votos na CDU são os que dão melhor garantia de que depois das eleições possa haver entendimento e convergência dos democratas. Nós somos pela unidade e pelo entendimento.



... em **Sesimbra**: Quais os nossos objectivos eleitorais? Manter a direita em minoria; mesmo que o PSD seja o partido mais votado não tem direito a formar governo. Em segundo, obter uma maioria democrática, aprofundando simultaneamente a consciência dos democratas quanto à necessidade de entendimento dos partidos para a formação de governo democrático. Em terceiro, o reforço da votação na CDU...

Nacional

Álvaro Cunhal no distrito de Setúbal

Derrotar a direita

Antecedendo o secretário-geral do PCP, Carlos Ramilhes, membro suplente da Comissão Política, sintetizaria a concluir o seu discurso a forma como o trabalho pré-eleitoral está a ser encarado pelos militantes comunistas e outros democratas no distrito de Setúbal. «Tanto como os dirigentes — disse —, são os trabalhadores e a generalidade da população esclarecida os grandes defensores do projecto CDU e das suas propostas nacionais e regionais. Nestes 43 dias que temos por diante assim terá de ser. Certamente que assim será».

Duas palavras finais ainda para o que nos foi dado observar no passado sábado em

qualquer dos locais visitados, abrangendo um distrito onde se combinam a um tempo realidades tão diversas como sejam o sul de predominância agrícola (e onde estão significativamente presentes as UCP's/Cooperativas da Reforma Agrária, o norte fortemente industrializado ou o litoral vocacionado para as pescas ou para a actividade turística: a elevada presença e participação nas iniciativas com destaque como já referimos para os jovens e mulheres, presença simultaneamente acompanhada de uma enorme confiança na obtenção de uma votação massiva na CDU e na possibilidade de afastar a direita do Poder, de formar um governo democrático com uma política democrática.



... na Moita: A CDU é um projecto unitário. Nós somos comunistas e não nos escondemos. Estamos sempre com os trabalhadores, com os que sofrem a exploração e a opressão. A CDU não é um disfarce. Cada uma das forças que a compõem tem a sua opinião própria. A questão é que se a CDU não existisse onde é que se encontrariam milhares de democratas que não são comunistas?...



... em Santa Suzana: Quem é que melhor defende os interesses nacionais no Parlamento Europeu? São os que diziam que a CEE estava no coração dos portugueses? Os que falavam nos milhões de contos que vinham da CEE? Os que afirmavam que os nossos problemas seriam resolvidos? Os que assinaram o acordo e que capitularam com o estrangeiro? Não. Nós sempre advertimos para as consequências negativas da adesão. No Parlamento Europeu são os deputados comunistas quem melhor garante a defesa dos interesses nacionais...



...em Águas de Moura: Não nos podemos conformar com a ideia de que o País está dividido em dois: de um lado os bons, nós, e do outro os que votam na direita. Há muita gente que votou na direita e hoje está connosco. Temos de travar esta batalha de esclarecimento. Há que prosseguir a campanha de convencimento, o contacto directo com as pessoas. Temos de levar a nossa mensagem e a nossa voz a todos os cantos. Não desistimos de esclarecer o eleitorado do PSD e do CDS...



...em Sarilhos Grandes: Já ouviram o Constâncio? Diz que o PCP é um partido do passado e que o PRD um partido para acabar. Fala no voto útil e na possibilidade de uma maioria. É um logro. Não pode ter a maioria. Nenhum partido sozinho está em condições de o conseguir. Não há possibilidade de governo democrático sem a convergência dos partidos democráticos...

«Há boas razões para que os que nos ouvem acreditem em nós. Não fazemos política para nos servirmos da política. É para servir o povo e o País.»



... em Almada: O nosso símbolo são os favos. A mascote é a abelha. É simpática, trabalhadora, constrói a sua casa, a sua fábrica. É dócil, amiga, e produz uma coisa boa que é o mel. Tem todas estas qualidades mas quando lhe fazem mal ela também sabe responder.

Alegria no calor da Festa

Se as noites estão amenas, convidando ao passeio e ao encontro com os amigos, o calor das tardes é um apelo forte à prala a que não é fácil resistir. Mas a verdade é que há quem prefira trocar o mar por uns quantos metros de terra batida pelo sol, poelrenta, salpicada aqui e ali por cantelros de relva e uma ou outra árvore que ainda mal projecta sombra, enganando o calor num copo de sumo ou de cerveja fresquinha.

Uma forma de dizer na Festa da Amizade, no Laranjeiro, concelho de Almada. As praias da Fonte da Telha à Trafaria estão lá o ano inteiro, a Festa é que não. E ali encontram-se amigos antigos e novas amizades, música para todos os gostos, levam-se notícias, colhem-se informações este ano com eleições à porta e tudo sendo familiar parece diferente.

A CDU é a novidade, dá o mote dos novos desafios, serve de motivo inspirador da decoração. Cobre a azul as estruturas metálicas em forma de favo, decora stands onde pequenas exposições falam das diversas actividades do concelho, serve de pano de fundo aos dados sobre o trabalho realizado nas autarquias, estabelece a ponte entre o passado e o futuro a deixar bem claro que o mais importante são os frutos do trabalho que cada vez mais se empenham em continuar e desenvolver.

A juventude é uma nota dominante. Impossível não

dar por eles, aos pares ou em grupo, nos jogos ou nos espectáculos de qualidade que se sucedem no palco principal, no pátio alentejano, ou simplesmente de passagem pelo painel do fado, espaço deixado aos espontâneos mais entrados, num misto de cumplicidade e gozação.

A presença jovem é tão notória que há quem se interroge, olhando em volta e prestando um pouco de atenção aos quadros que mostram dados da organização, porque será que a composição etária de algumas continua relativamente elevada (em Almada, 83% dos militantes tem mais de 30 anos), ou porque são ainda as mulheres tão poucas (apenas 23%).

Questões que fazem pensar no vasto campo de trabalho aberto à nossa frente, mais sentido ainda em vésperas de eleições quando a informação e esclarecimento se tornam mais importantes do que nunca, preocupação igualmente presente na Festa, que sendo Amizade não perde de vista os cuidados do futuro próximo.

Entre um canto alentejano, uma volta à exposição sobre a Paz, uma bebida para matar a sede ou dois dedos de conversa, as eleições são a realidade imediata. Desnecessárias, como quase todos sabem, perigosas como todos sentem, um desafio que ninguém recusa. Lá estaremos, como na Festa, com a juventude, a CDU, a alegria dos que acreditam no futuro.

Nacional

CDU propõe aos partidos debate público sobre a CEE e a adesão de Portugal

A Coligação Democrática Unitária (CDU) formalizou aos partidos representados no Parlamento Europeu e que concorrem às eleições para aquele órgão comunitário um convite para que participem num debate público sobre questões da CEE e os problemas decorrentes da integração do nosso país naquela organização.

Recorde-se que a intenção de propor este debate — a realizar a curto prazo — foi publicamente anunciada pelo

candidato Ângelo Veloso no decorrer da conferência de imprensa realizada em 28 de Maio último e durante a qual foram apresentados os candidatos da CDU ao Parlamento Europeu.

Segundo as condições sugeridas pela CDU, o debate, moderado por uma personalidade de reconhecido mérito e escolhida de comum acordo, seria público, devendo realizar-se num grande auditório e ser previamente anun-

ciado nos órgãos de Comunicação Social.

Seriam expressamente convidados os órgãos de Comunicação Social de expressão nacional bem como uma amostra significativa da imprensa regional, revistas especializadas em temas políticos, económicos e sociais e, igualmente, convidados especialistas nas questões em debate, escolhidos de comum acordo.

A estes convidados especiais seria concedida a possi-

bilidade de formular questões. Por seu turno, cada partido disporia de um número igual de convites para distribuir.

Tendo em conta a falta de esclarecimento que persiste entre o Povo português acerca dos problemas decorrentes da integração do nosso país na CEE e das actividades dos partidos portugueses no Parlamento Europeu, a proposta do debate será um contributo válido para colmatar esta lacuna.

Encontro em S. João da Madeira

Nas instalações da Escola Preparatória decorreu recentemente o primeiro encontro da CDU de S. João da Madeira, no qual participaram dezenas de democratas e os candidatos da CDU pelo círculo de Aveiro à Assembleia da República Vidal Pinto (suplente da Comissão Política do PCP) e o eng.º Jorge Cortez.

No encontro foram definidos os objectivos eleitorais da CDU para S. João da Ma-

deira, as tarefas a serem executadas na campanha eleitoral e eleita a Comissão Democrática Unitária de S. João da Madeira.

No final dos trabalhos, durante os quais transpareceu a elevada confiança dos presentes numa grande votação na CDU, foi aprovado um **Manifesto** ao povo de S. João da Madeira, contemplando as conclusões do encontro.

Blanqui Teixeira no Funchal

Onde tem de assentar o reforço eleitoral da CDU

«O Governo demitido conduz, desde há muito, uma intensa campanha eleitoralista, recorrendo à manipulação da Comunicação Social e à utilização abusiva do aparelho de Estado. A Comissão Nacional de Eleições e o Conselho da Comunicação Social tem vindo a condenar acções ilegais cometidas por diversos órgãos conotados com o PSD e o seu governo» — afirmou no Funchal o camarada **Blanqui Teixeira**, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP.

O dirigente comunista falava aos jornalistas numa conferência de imprensa realizada na capital madeirense pela Direcção Regional do PCP a propósito das eleições de 19 de Julho.

Salientando que «quanto maior for a votação na CDU mais certa estará a constituição de um governo democrático», Blanqui Teixeira mostrou onde «tem de assentar» o reforço da votação na CDU:

- Numa ampla explicação do que é esta nova coligação, de modo a atingir todos os que têm votado na APU, que deixou de existir;

- No esclarecimento dos prejuízos que causa a abstenção dos potenciais votantes na CDU;

- Na obtenção de votos entre os muitos trabalhadores e explorados que ainda, erradamente, votam nos partidos da direita, nos partidos do grande patronato e dos grandes exploradores;

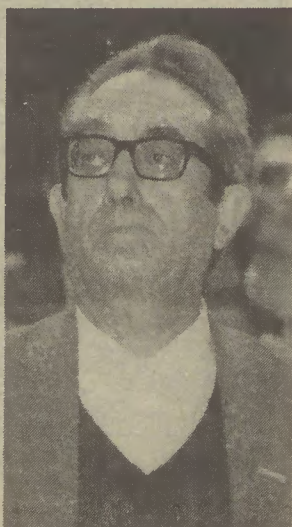
- Nos votos daqueles que, tendo anteriormente votado PS, vão compreendendo que as teses deste partido sobre a «alternância», o «pacto de regime» e o «acordo de cavalheiros» são expressões duma perspectiva de enten-

dimento com a direita, incompatível, como a vida tem demonstrado, com a defesa dos valores democráticos e a recuperação das esperanças de Abril;

- Na captação de votos que se deslocaram para o PRD por se pensar que tal partido defenderia uma atitude firme e clara em relação às posições de direita;

- No voto daqueles que vão entendendo que votos de esquerda em pequenos partidos que não elegem, em qualquer círculo, qualquer deputado, são votos que se perdem completamente para a defesa da democracia, são votos que, no fim de contas, favorecem objectivamente a reacção.

«Na Região Autónoma da Madeira, onde lenta mas



progressivamente os trabalhadores e o movimento popular vão avançando contra um ambiente altamente opressivo, é muito importante a subida eleitoral das forças democráticas e a eleição de mais um deputado, em particular, da **Coligação Democrática Unitária**», observou Blanqui Teixeira.

Bragança Iniciativas somam e seguem no distrito

O desemprego, o encerramento de minas e empresas, a falta de perspectivas de segurança e futuro para os jovens e a situação na agricultura foram temas em foco nas intervenções dos candidatos da CDU pelo círculo de Bragança **Modesto Navarro**, **Casiano Reboredo** e **Serafim Silva**, proferidas no decorrer do primeiro encontro distrital da Coligação.

O trabalho a desenvolver nesta batalha eleitoral e as consequências para a região e o País com a entrada na CEE foram outros assuntos abordados pelos candidatos nesta iniciativa realizada na Casa do Povo de Macedo de Cavaleiros.

Na sessão de encerramento falou o camarada **José Soeiro**, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, que destacou a importância do reforço da votação na CDU como condição essencial a uma mudan-

ça política favorável aos interesses nacionais.

Recorde-se que anteriormente registaram-se várias iniciativas no distrito de Bragança, promovidas pela comissão executiva distrital da CDU em colaboração com o Grupo Comunista e Afins do Parlamento Europeu.

Em **Torre de Moncorvo** no Cine-Teatro local, realizou-se um debate sobre a **CEE e os Ferros de Moncorvo**, no qual participaram **Brito Apolónia**, deputado europeu, e os candidatos da CDU pelo círculo de Bragança **Modesto Navarro**, comandante **Eugénio Cavalheiro**, **Serafim Brás** e **José Prudêncio**.

O deputado ao Parlamento Europeu **Joaquim Miranda da Silva** (do PCP), acompanhado por **Serafim Brás**, contactou os dirigentes do Centro Cultural de Mogadouro, a quem expôs as diligências feitas pelo Grupo Comunista no Parlamento Europeu para impedir a concretização do financiamento da CEE ao projecto de instalação de uma lixeira nuclear em Aldeavilla (em frente às aldeias de Brúçó e Lagoaça).

Nesse sentido foi apresentado por aquele deputado um projecto de resolução que poderá ser discutido na próxima sessão do Parlamento Europeu. Em **Fornos** realizou-se uma sessão pública com os mesmos fins.



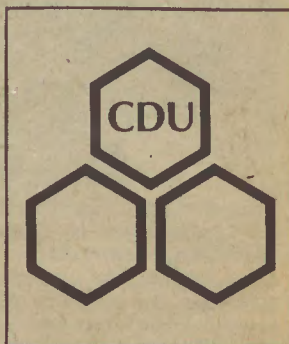
Comício em Setúbal na noite do último dia de Maio, com Álvaro Cunhal. Entretanto no fim-de-semana o secretário-geral do PCP voltou ao distrito de Setúbal, tendo culminado essa deslocação com um comício na 11.ª Festa da Amizade em Almada

Comunistas de Setúbal Plenário concelhio em Azeitão

Convocado pela Comissão Concelhia do Partido vai realizar-se no próximo dia 13 um plenário de militantes comunistas de Setúbal. Objectivo: preparar, no quadro da CDU, a participação dos comunistas na batalha eleitoral de 19 de Julho.

O plenário decorrerá nas instalações da Casa do Povo de **Azeitão**, a partir das 14.30 horas. Em nota que fez chegar à nossa redacção, a Concelhia do PCP recorda que «antes da convocação de eleições legislati-

vas antecipadas, deu conhecimento público da realização da 5.ª Assembleia da Organização Concelhia, marcada para o dia 13 de Junho de 1987, na Casa do Povo de Azeitão. Em virtude de terem sido convocadas eleições legislativas antecipadas para o dia 19 de Julho do corrente ano e tendo em conta o exigente trabalho preparatório a que tão importante acto obriga, decidiu a Comissão Concelhia do PCP adiar a realização da 5.ª Assembleia.»



Nacional

Médicos, profissionais da música artistas plásticos, escritores e editores com a CDU

Dezenas de médicos do distrito de Lisboa têm manifestado o seu apoio à Coligação Democrática Unitária (CDU). Em nota divulgada há dias na capital, o gabinete de Imprensa da CDU referia alguns nomes significativos:

Manuel Pinho — presidente do concelho de gerência do hospital de Santa Maria, especialista em cirurgia;

Manuel Sá Marques — director clínico da associação protectora dos diabéticos portugueses;

Simões da Fonseca — professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa;

Rui Pinhão — professor catedrático do Instituto de Higiene e Medicina Tropical;

Moradas Ferrelra — director do serviço de Neurocirurgia do Hospital de Santa Maria;

Sérgio Carvalhão Duarte — director do serviço de Análises Clínicas do Hospital de Santa Marta;

Carlos Gargate — chefe da clínica de Radiologia do Hospital de Santa Maria;

Jalme Cruz Maurício — director do serviço de Neurologia do Hospital Egas Moniz;

Luís Coutinho de Miranda — chefe do serviço de cirurgia de Urgência do Hospital de São José;

Maria Idália Correia — chefe da clínica da maternidade Magalhães Coutinho;

Maria de Lurdes Fonseca Santos — chefe de clínica de Pneumologia de Santa Maria;

Orlando Leitão — director do serviço de Neurologia do Hospital Egas Moniz;

Álvaro Soares de Pinho — especialista de clínica geral;

Artur Ramon la Féria — especialista no Hospital de Cascais;

Elsa Jara — especialista de pneumologia do Hospital Pulido Valente;

Carlos Gomes da Costa — especialista de Cirurgia do Hospital de São José;

José Palmilha — especialista de pediatria da maternidade Alfredo da Costa;

Karin Dias — especialista

de neurologia do Hospital dos Capuchos;

Sérgio Augusto Rosa — especialista de clínica geral do Hospital do Desterro;

Maria Octávia Burnay — especialista de cirurgia do Hospital dos Capuchos;

Artur Dlogo — especialista de Pneumologia no Hospital de Santa Maria.

O mesmo gabinete de Imprensa também divulgou na última semana que «mais de cem profissionais ligados à actividade musical — músicos, cantores, compositores e musicólogos — declararam já o seu apoio à CDU», nomeadamente:

Fernando Lopes-Graça, Luís Alberto de Almeida, José Sá Marques, Martinho D'Assunção, Vital Pinto, Francine Benoit, Aníbal Lima, Fernando Flores, Filipe Gomes dos Santos, Jorge Peixinho, Paulo de Carvalho, João Nuno Represas, Vitorino, Janita Salomé, Rosa Maria Ventura, José António Lopes e Silva, Álvaro Salazar, Manuel Moraes, Carlos Franco, Adriano A. Aguiar, Mário Vieira de Carvalho, Carlos do Carmo, Ana Alves e Isabel Pimentel.

Recorde-se ainda que anteriormente já tinha sido divulgada uma lista de apoio à CDU com prestigiados nomes das artes plásticas, entre os quais António Carmo, Virgílio Domingos, Matilde Marçal, Jorge Vieira, Gil Teixeira Lopes, Rogério Ribeiro, Pedro Saraiva, Daciano Costa, etc.

Igualmente, escritores e editores têm nos últimos dias dado o seu apoio à CDU. De entre eles, salientamos: Alberto Ferreira, Alexandre Cabral, Armindo Rodrigues, Eduardo Olímpio, Fernando Miguel Bernardes, Graça Varela Cid, João Apolinário, José Carlos Gonzalez, Manuel Ferreira, Mário Ventura Henriques, Urbano Tavares Rodrigues, Felicidade Alves, Manuel Rodrigues de Oliveira, Rogério de Moura, Zeferino Coelho, Vítor Mateus Branco, Alexandre Babo, António Modesto Navarro, Costa Ferreira, Ernesto de Melo e Castro, Fernando Sylvan, Henrique Nicolau, Jorge Reis, Leonor Santa Rita, Manuel da Fonseca, Orlando da Costa, Vítor Sá, Francisco Melo, Rui de Moura e José Alberto Manso Pinheiro.

Aconteceu no terraço do Vitória Música, palavras e convívio na noite lisboeta

«A CDU não é só o voto útil, é o voto que decide», afirmou o camarada Octávio Pato, da Comissão Política e do Secretariado do CC do PSP, falando no terraço do Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa, num convívio que reuniu na noite da passada quinta-feira os candidatos CDU pelo círculo da capital e mais de uma centena de representantes da Comunicação Social, para além de muitas personalidades da área da cultura e da arte portuguesas.

O belo terraço do Vitória estava assim, em festa. Música: Fernando Lopes Graça sentou-se ao piano, Fernando Serafim cantou. Ouvimos depois Carlos do Carmo. E Fernando Tordo. E conversou-se. E bebeu-se um copo.

Num convívio animado, aberto pela DORL do PCP que apresentou os candidatos da CDU à imprensa. Depois da apresentação feita pelo camarada António Abreu, mandatário distrital, o camarada Octávio Pato, numa breve intervenção, falou de alguns dos objectivos principais da CDU e divulgou algumas das iniciativas que vão ter lugar proximamente.

Sublinhando que a CDU se apresenta como uma força unitária («e estamos unidos, ao contrário de outros», disse), o dirigente comunista anunciou que, no próximo dia 10 (amanhã), será aprovado o Manifesto CDU e que, ainda no mês corrente, será publicado o Programa Eleitoral (e de Governo), do PCP.

«As nossas propostas e

soluções correspondem aos interesses nacionais, às aspirações do povo, de todas as camadas sociais. Por isso mesmo, podemos e devemos aglutinar boas-vontades de todos os quadrantes. As nossas listas reflectem essa realidade», disse. Saudou também todos os apoiantes da CDU, «muitos deles são-nos pela primeira vez», e os que ainda se não decidiram mas que «confiamos, virão engrossar a Coligação Democrática Unitária».

Entre os presentes encontravam-se Batista Bastos, Fernando Lopes Graça, Urbano Tavares Rodrigues, Rosa Coutinho, Manuel da Fonseca, Durand Clemente, Fernando Dacosta, Cândido Mota, José Viana, Dora Leal, Sérgio Carvalhão Duarte, Vergílio Domingues, Luís Filipe Costa, Io Apoloni, Vasco Gonçalves, Ernesto Melo e Castro, Fernando Tordo, Cecília Neto, Carlos do Carmo, António do Carmo, Alice Vieira, Fernando Midões, Domingos Trindade e Stella Piteira Santos.

4 razões para que os vizelenses participem nas eleições de 19 de Julho

• Comunicado da DORM do PCP dirigido ao povo de Vizela

Contribuindo desta forma para que «os vizelenses assumam uma posição consciente e responsável que prestigie a democracia e contribua para a mais rápida criação do concelho», a Direcção da Organização Regional do Minho (DORM) do PCP dirige-se em comunicado ao povo de Vizela, avançando 4 fortes razões para que os vizelenses participem nas eleições de 19 de Julho.

A saber:

1. A recusa dos vizelenses em participar nos próximos actos eleitorais aprovaria exactamente os parti-

dos (PSD e CDS) que mais ferozmente se têm oposto à criação do concelho e prejudicaria as forças políticas democráticas que têm apoiado Vizela — CDU (em que participa o PCP), PS e PRD.

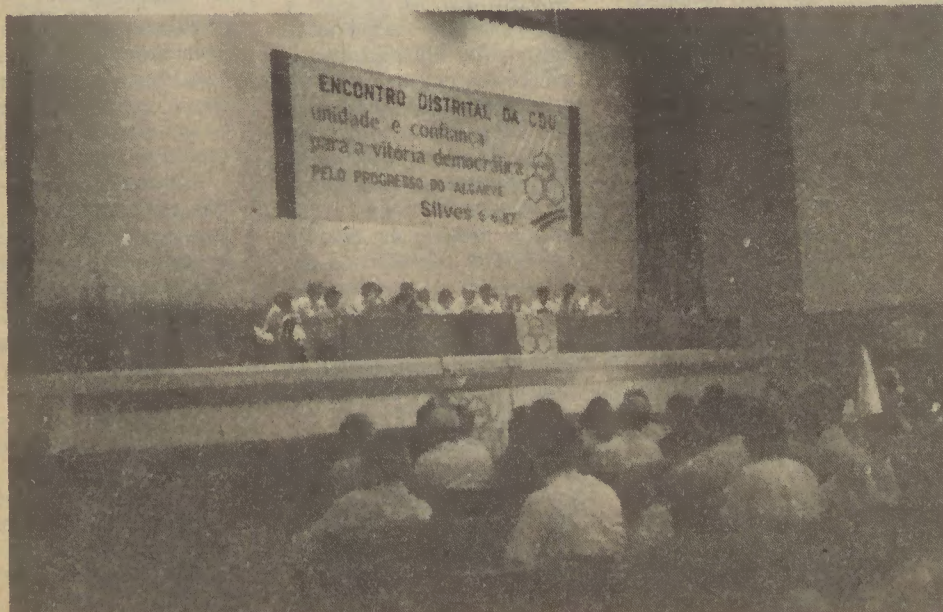
2. A criação do concelho de Vizela continua a depender da existência na próxima Assembleia da República de uma maioria das forças democráticas. O voto dos vizelenses pode e deve pesar para a eleição de mais deputados que na A.R. defendam firmemente as suas aspirações. Como é o caso da CDU, coligação em que participa o PCP com o partido «Os Verdes», a associação «Intervenção Democrática» e numerosos indepen-

dentes, e que é a continuadora da APU.

3. O distrito de Braga, onde actualmente existem 16 deputados, dos quais metade pertencem ao PSD e ao CDS e outra metade ao PCP, PS e PRD, vai este ano eleger 17 deputados, portanto mais um. Os vizelenses podem e devem contribuir com o seu voto para eleger mais um amigo da sua causa, e para que a sua abstenção não facilite a eleição de mais um deputado contra Vizela.

4. Uma forte participação dos vizelenses nos próximos actos eleitorais será um autêntico referendo ao povo de Vizela em defesa da criação do concelho, que as forças políticas e as instituições democráticas não poderão por mais tempo ignorar. Será uma lição de democracia e de civismo dada ao País, com impacto positivo no fortalecimento da solidariedade da opinião pública nacional à causa de Vizela.

O comunicado afirma ainda: «A participação dos vizelenses nas eleições, votando massivamente em quem sempre os tem apoiado com firmeza, será a melhor forma de defender a causa de Vizela, prestigiar a democracia, castigar os partidos que têm recusado ouvir a sua voz».



O Encontro distrital de Faro da Coligação Democrática Unitária realizou-se no passado dia 6, em Silves. Os presentes aprovaram uma proclamação dos candidatos CDU do Algarve



Nacional



LISBOA

Os comunistas do distrito e a batalha eleitoral

A jornada do Coliseu, a realizar amanhã, e a acção de esclarecimento prevista para os dias 12, 13 e 14 deste mês estiveram em foco no decurso da reunião da DORL do PCP, efectuada há dias no Centro Vitória, em Lisboa. Na nota enviada aos órgãos de Comunicação Social, refere-se que «a DORL procedeu ao balanço da campanha organizativa em que esteve envolvida até à marcação das eleições de 19 de Julho e discutiu amplamente a campanha eleitoral».

A Direcção Regional de Lisboa do PCP definiu as linhas prioritárias de participação dos comunistas na batalha eleitoral, nas próximas semanas e analisou questões relacionadas com a formação e divulgação das novas comissões de apoio.

Segundo a DORL do Partido, sublinhou-se o entusiasmo e a confiança com que as organizações do Partido na região de Lisboa se entregam às múltiplas tarefas ligadas ao trabalho eleitoral; o êxito das acções de divulgação da CDU, do seu símbolo e sigla; a quantidade e a qualidade dos apoios já obtidos, provenientes de todas as áreas do campo democrático, e ainda a qualidade e ampla representatividade política, social, cultural e científica da lista de candidatos da CDU pelo círculo eleitoral de Lisboa, bem como a forte presença de mulheres e de jovens.

A DORL valorizou também o trabalho em curso de amplo esclarecimento sobre os objectivos da CDU e sobre as posições de outras forças políticas, nomeadamente o PS que intervém procurando enfraquecer as forças democráticas e persistindo no velho projecto da chamada «alternância», que mais não é do que uma outra forma de entendimentos e acordos com a direita e a sua política.

A condenação dos abusos e atropelos à legalidade, nomeadamente por parte da Câmara Municipal de Lisboa, a revalorização das intervenções institucionais de protesto e de procedimento legal e o recuo a que foram obrigados os projectos antidemocráticos de Nuno Abecasis quanto à liberdade de propaganda na cidade, foram outros assuntos analisados na reunião.

PCP a crescer

«Um conjunto de importantes resultados» foi, entre tanto, obtido pela campanha organizativa suspensa temporariamente e que, como referimos em sucessivas edições do «Avante!», tinha sido decidida pelo Comité Central do Partido.

Os resultados obtidos na

região de Lisboa mostram os seguintes elementos:

- A inscrição de 489 militantes, dos quais 26 por cento são mulheres, 13 por cento têm menos de 20 anos e 45 por cento têm idades abaixo dos 30 anos;

- A inscrição de 76 novos organismos e o reforço da actividade de 71;

- A realização de 20 assembleias de diferentes organizações.

«A campanha organizativa confirmou as enormes potencialidades de reforço e crescimento do Partido no distrito de Lisboa, reflexo crescente da confiança das massas no PCP e do visível aumento da sua influência», conclui a DORL.



Só no distrito do Porto

Em pouco mais de quatro semanas duas dúzias de actos públicos com Cavaco e ministros demitidos

Nas últimas semanas o comportamento ilegítimo e antidemocrático do Primeiro-Ministro demitido e do seu Governo tem vindo a confirmar os perigos para os quais a CDU havia alertado o País.

O protesto pode vir de qualquer parte do País, no continente ou das ilhas (particularmente dos Açores). Este vem do distrito do Porto, que tem assistido à multiplicação de visitas oficiais do PM demitido e de outros membros do Governo, em pura campanha eleitoral do PSD. O escândalo compreende inaugurações e coisas parecidas, promessas desdobradas, adjudicações (à pressa) de obras públicas que ninguém sabe quando serão realizadas, declarações de propaganda eleitoralista, etc. Tudo isto naturalmente com a cobertura dos órgãos de Comunicação Social dominados pelo Executivo demitido, a começar pela RTP. Na passada quinta-feira o escândalo prosseguiu e até envolveu investimentos (anunciados) na ordem dos 6 768 000 para a habitação social na zona do Porto.

A Coordenadora Distrital da Coligação Democrática Unitária, em nota divulgada já no passado dia 3, referia a dado passo:

«Em pouco mais de 4 semanas desde que foi oficialmente anunciada a realização das eleições, o número de actos públicos com a presença de membros do Governo apenas no distrito do Porto ou relacionados com obras no distrito, é absolutamente espantoso: 4 deslocações do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva; 6 deslocações do ministro das Finanças, Miguel Cadilhe; 4 deslocações do ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo e outras 4 do ministro da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro; com 2 deslocações cada, o ministro do Trabalho e Segurança Social, Mira Amaral, o ministro das Obras Públicas e

Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, e o ministro do Plano e da Administração do Território, Valente de Oliveira. Isto sem contar com as dezenas de deslocações dos secretários de Estado».

Caça ao voto

Acrescenta a CDU:

«Só em cobertura "noticiosa" na televisão, rádio e jornais, o PSD e o seu presidente disfarçado de Primeiro-Ministro, obtiveram desta forma desonesto um espaço extra para o seu partido, largamente superior ao de todas as outras forças políticas concorrentes às eleições somadas.

«Trata-se de uma operação ilegal, ilegítima e antidemocrática, de autêntica caça ao voto, e de um comportamento indigno num país democrático.

«O Governo e o Primeiro-Ministro demitido abusam e exorbitam das suas funções meramente administrativas, multiplicam os actos de pura promoção propagandística do PSD e do seu presidente, chegando ao ponto de reproduzirem em actos públicos os slogans eleitorais do seu partido. Prosseguem uma inqualificável operação de demagogia e de mistificação política do eleitorado. Continuam a manipular em seu favor os grandes meios de Comunicação Social estalizados.

«É absolutamente ilegítimo e inadmissível que num país democrático, um partido concorrente às eleições — o PSD — e o seu principal dirigente — Cavaco Silva — possam utilizar o Governo demitido, os principais órgãos de Comunicação Social

por si controlados e os recursos públicos para realizarem e suportarem a sua própria propaganda eleitoral.

Na última quinta-feira a maioria da vereação da Câmara do Porto repudiou a visita eleitoralista — mais uma! — que o PM demitido resolveu fazer neste período à capital do Norte.

Anteriormente, intervindo numa reunião da CM do Porto, o vereador do PCP Oliveira Dias salientaria:

«Esta actividade frenética de vindas ao Porto, que não tem paralelo com a do ano anterior, e que sempre se relaciona com inaugurações, adjudicação de obras públicas, declarações de actividade futura, etc., é sempre acompanhada por intensa cobertura noticiosa. Não pode esperar-se que seja possível ter a ingenuidade de não concluir que toda esta actividade se relaciona com as próximas eleições».

Na sua declaração Oliveira Dias também referiu:

«Foi com surpresa que tomei conhecimento, através de uma notícia publicada há oito dias, que o senhor Primeiro-Ministro seria recebido no Porto pelo sr. presidente da Câmara, que para o efeito antecipava o regresso da sua viagem à Alemanha, com o objectivo de se inteirar de um plano para a construção de habitações sociais».

Tratou-se de uma visita que nem sequer se realizou a convite da Câmara, ao invés do que é a prática normal e habitual na Câmara do Porto, nos últimos 7 anos, acrescentaria o vereador Oliveira Dias.

Açores

Entretanto, na sequência da posição pública assumida no passado dia 30 de Maio a propósito da visita oficial do Primeiro-Ministro demitido aos Açores, foi enviado um

telegrama pelo deputado regional do PCP, José Decq Mota, ao presidente da Assembleia Regional dos Açores. Tal telegrama é a resposta do deputado comunista ao convite para estar presente em cerimónias e actos de homenagem ao Primeiro-Ministro demitido, promovidos pela Mesa da Assembleia Regional dos Açores.

Eis o telegrama: «Senhor Presidente da Assembleia Regional dos Açores

«Excelência

«A data, tipo e natureza da visita do Primeiro-Ministro demitido à Região Autónoma obriga a que se classifique a atitude da entidade que convida (o Governo Regional) e da entidade que aceita o convite (o Primeiro-Ministro demitido) como escandalosamente eleitoralista e insultuosa para as instituições democráticas.

«Ao realizar esta visita oficial o Primeiro-Ministro demitido apenas pode pretender tirar efeitos eleitoralistas uma vez que estando em funções de gestão e com o mandato limitado não tem qualquer legitimidade democrática para anunciar decisões de fundo.

«Uma vez que as acções eleitorais só são legítimas no quadro da actividade partidária e nunca à sombra e à custa das instituições democráticas e dos órgãos de soberania, tenho a honra de informar V. Exa. que não estarei presente em qualquer acto realizado pela Assembleia Regional no quadro da visita ou dedicado ao Primeiro-Ministro demitido.

«Esta atitude é a única possível para quem deseja, antes de tudo, defender a credibilidade democrática do exercício de cargos políticos e defender a dignidade própria da Assembleia Regional dos Açores.

«Com respeitosos cumprimentos. José Decq Mota, deputado regional do PCP».

Localizada a 7 km da fronteira portuguesa O que está em jogo com a projectada lixeira nuclear em Aldeadávila?

CDU esclarece

O Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) teve este ano, na região do Porto, como motivo principal, a defesa do rio Douro. Uma importante iniciativa «Douro, Rio da Vida», foi promovida pelo pelouro da Limpeza e Serviços Gerais da Câmara do Porto, com a colaboração dos pelouros do Desporto e Tempos Livres da Câmara de Gaia e do Turismo da Câmara de Gondomar. Constituiu, assim, um momento privilegiado de consciencialização e reflexão sobre a necessidade e os caminhos para a protecção e reanimação do rio Douro.

A CDU-Porto exprime a sua convicção de que é possível salvar e recuperar o rio Douro. É um desafio que a CDU assume como um dos seus principais compromissos perante a população do Porto.

A prova deste empenhamento sobressai na declaração recentemente divulgada pela Coordenadora Distrital da CDU, que toma posição enérgica sobre a ameaça da lixeira nuclear em Aldeadávila, junto ao Douro.

Salienta em primeiro lugar: «De há muito que o rio Douro é motivo de apreensão para o povo do Porto, tal o grau de degradação e destruição a que foi conduzido pela negligência e incompetência oficiais, com destaque para a política de direita dos sucessivos governos dos últimos dez anos e agravada pelo actual executivo demitido do PSD/Cavaco Silva.

«Existem hoje redobradas razões de preocupação, já que novas agressões e ameaças se abatem sobre o rio Douro, em consequência da projectada instalação de uma lixeira nuclear em Aldeadávila de la Ribera (Espanha), localidade situada a 7 quilómetros da fronteira portuguesa e junto à bacia do rio Douro. Financiada pela CEE, o projecto destina-

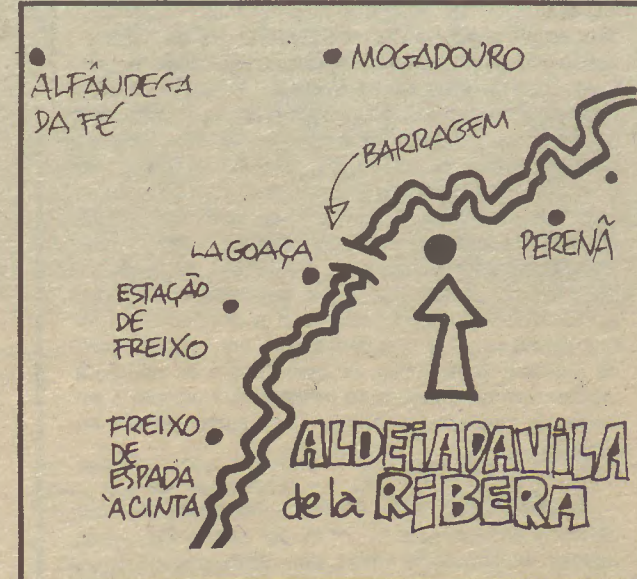
-se a preparar a instalação definitiva de um depósito de resíduos nucleares que, a partir de 1999, serviria não apenas a Espanha, mas a todos os países da CEE.»

Noutra passagem, a declaração da CDU/Porto dá mais pormenores sobre a «lixeira»:

«Situa-se apenas a 190 quilómetros da cidade do Porto, o cemitério nuclear da CEE constitui um projecto altamente perigoso para a população nortenha. A concretizar-se, o rio Douro ficaria sujeito a gravíssimos perigos de poluição e contaminação por partículas radioactivas, de efeitos incontroláveis sobre a utilização e o consumo da água, atingindo a vida e a actividade de milhões de portugueses, as produções agrícolas, com relevo para o vinho do Porto, etc.

Irresponsabilidade do Governo

A CDU chama a atenção para o elucubrativo contraste entre, por um lado, as vantagens de que beneficiariam as grandes transnacionais capitalistas com a



instalação em Aldeadávila do cemitério nuclear dos países da CEE e, por outro lado, os enormes perigos e gravíssimas consequências que adviriam para o Povo português e em especial para a região nortenha.

A finalizar, a CDU/Porto denuncia a irresponsabilidade e complacência do Governo demitido do PSD, de Cavaco Silva, perante tão escandaloso atentado à segurança e bem-estar dos portugueses, cujos interesses tinha o dever de ter protegido e salvaguardado. Este comportamento do Governo de-

mitido do PSD/Cavaco Silva reflecte a sua completa submissão e capitulação política perante as pretensões e exigências dos principais países capitalistas da CEE, e o seu desinteresse e incapacidade na defesa dos interesses nacionais.

Sublinhando os enormes perigos a que estão sujeitos o País e os portugueses, e muito especialmente toda a região nortenha, a CDU/Porto reclama uma atitude firme e inequívoca de Portugal junto das autoridades espanholas e da CEE, que conduza à anulação definitiva do projecto de Aldeadávila.

Iniciativa do PCP Audição do Parlamento Europeu aos jovens dos países da CEE

Intervindo numa sessão sobre política universitária e integração na CEE, promovida pela Juventude Comunista Portuguesa (JCP) em Coimbra, o deputado do PCP no Parlamento Europeu e candidato ao mesmo órgão pela CDU, José Bar-

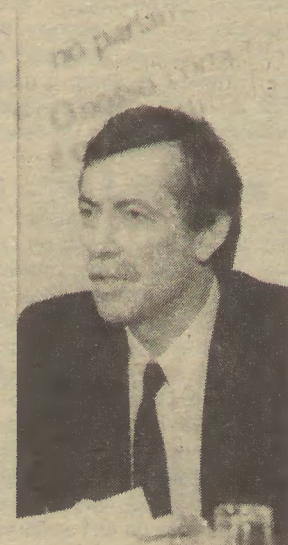
ros Moura, acusou os partidos da direita e os socialistas do Parlamento Europeu de terem utilizado uma tática dilatória e obstrucionista para impedirem a aprovação de uma resolução de apoio aos estudantes de vários estados mem-

bros da CEE, especialmente de França, Espanha, Itália, e Portugal, nas suas lutas contra a política universitária dos respectivos governos.

A resolução referia-se às grandes lutas dos estudantes de finais de 86 e início

de 87 contra a selectividade do acesso à Universidade, o «numerus clausus», a desqualificação de cursos e escolas, a falta de saídas profissionais e o desemprego dos jovens.

Em debate estava, também, uma proposta dos de-



putados comunistas, da iniciativa do PCP, no sentido do Parlamento Europeu promover uma audição com os representantes dos estudantes em luta e com as organizações estudantis de todos os estados membros.

O deputado do PCP, que considerou os obstáculos à referida Resolução como de vontade política de solucionar os problemas reais da juventude, anunciou a intenção de retomar em breve a proposta de realização de uma audição no Parlamento Europeu sobre a situação dos jovens nos diversos Estados membros da CEE.



Trabalhadores

Pela estabilidade no ensino Na maior parte das suas intervenções públicas, o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, revela «grande desrespeito pelo código deontológico dos profissionais da informação», afirma a Federação Nacional dos Professores (FENPROF). Acrescentando que «as promessas de João de Deus Pinheiro «funcionam como papagaios de papel, que pairam para logo desaparecerem, como se nunca tivessem existido», o secretariado nacional daquela Federação, que levou a cabo uma concentração-desfile, em Lisboa no passado dia 28, acusa o ministro de «dar o dito por não dito». As afirmações que o ministro faz «sempre imediatamente antes das acções de luta desencadeadas pela FENPROF revelam um estranho conceito de utilização da comunicação social». Neste caso, «trata-se da situação dos professores provisórios com habilitação própria, que lutam pelo direito à estabilidade de emprego e à formação em serviço», sublinha a FENPROF que acrescenta: «Será que o ministro esquece o que afirmou publicamente? Será que o ministro não sabe o que perante a comunicação social divulgou sobre esta matéria?». Ao repudiar «energicamente afirmações divulgadas ao princípio da tarde do passado dia 3 pelo gabinete do ministro, a FENPROF acrescenta que «tem à disposição da comunicação social e dos professores um vasto conjunto de recortes de imprensa, de gravações e de vídeo-gravações com declarações do ministro, que provam o seu estranho conceito de ética nas relações com a imprensa».

Conferência em Évora —No âmbito da campanha promovida pela CGTP-IN por todo o País, a comissão executiva da União dos Sindicatos de Évora anunciou para o passado dia 6 uma conferência regional sob o lema «Emprego-Desenvolvimento-Vida Melhor». As questões em debate subordinam-se nomeadamente «ao aproveitamento dos recursos e potencialidades do distrito, com vista a eliminar-se a alta taxa de desemprego que é de cerca de 24 por cento relativamente à população activa». Segundo a comissão executiva da USDE, numa nota do dia 1, previam-se vinte comunicações e a participação de diversas entidades e organizações, individualidades, técnicos e sindicalistas, intervindo no debate sobre as questões da agricultura, os grandes projectos de desenvolvimento do Alqueva e plano de rega do Alentejo, parque industrial de Évora, regionalização, juventude perante o emprego, aproveitamento dos recursos naturais, revitalização de empresas e questões sociais ao nível empresarial.

Despedimento anulado no Ritz — Henrique Coelho, trabalhador do Hotel Ritz, de Lisboa, despedido em 1984 foi mandado reintegrar, com todos os seus direitos, pelo Tribunal da Relação, que confirmou a sentença anterior no mesmo sentido, emitida pela 1.ª Instância. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Restaurantes e Similares do Sul, em nota do passado dia 1, a empresa já tinha sido condenada a reintegrar aquele trabalhador pelo 10.º Juízo do Tribunal do Trabalho. Segundo o mesmo Sindicato, foi o Hotel Ritz a recorrer das sentenças para a Relação, que reconheceu a nulidade do despedimento.

Delegação à OIT — Para participar até ao próximo dia 24 na 73.ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho, órgão da OIT, encontra-se em Genebra José Luís Judas, membro da comissão executiva da CGTP e delegado dos trabalhadores portugueses àquela Conferência, que este ano abordará questões referentes à promoção do emprego e segurança social, segurança e higiene na construção civil e papel da Organização Internacional do Trabalho em matéria de cooperação técnica. Segundo o gabinete de imprensa da CGTP-IN, a delegação dos trabalhadores portugueses participará ainda, no âmbito daquela sessão, na discussão e aprovação do relatório do conselho de administração da OIT e do seu director-geral.

Carvalho da Silva no Norte — A CGTP-IN anunciou na passada quarta-feira, dia 3, uma série de contactos a realizar pelo seu coordenador, Carvalho da Silva, no Norte do País. Além do plenário da União dos Sindicatos do Porto, aquele dirigente nacional da CGTP participou num plenário da Sitenor.

Segurança Social no Centro — Ao anunciar para 6 do corrente, em Aveiro, o 1.º Encontro das ORT's (organizações representativas dos trabalhadores) da Segurança Social da Zona Centro, o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública daquela zona revela que há trabalhadores nesse sector «com mais de 17 anos na mesma categoria». Na perspectiva de «uma segurança social ao serviço dos utentes», o Sindicato dos TFP da Zona Centro, organizou aquela iniciativa com a presença de quadros técnicos, administrativos, de informática, apoio e vigilância, de contacto directo em creches, jardins de infância e lares, das carreiras específicas, técnicos de «braille», psicólogos, etc., todos abrangidos por problemas relacionados com as carreiras profissionais.

Transportes, hotelaria, química

Impasses do Governo com o olho nas eleições

Apesar das repetidas manifestações de abertura das associações sindicais e do movimento sindical unitário no seu conjunto para que se evitem os conflitos relacionados com a contratação colectiva, em sectores tão importantes como os transportes, a hotelaria e a petroquímica, o Governo e o patronato actuam no sentido de evitar negociações em bases justas e mesmo não apresentando bases nenhuma, o que leva associações sindicais e outros órgãos representativos a acusar o Governo de gestão Cavaco/PSD de estimular o aparecimento de conflitos e mesmo o recurso à greve para disso tirar dividendos eleitoralistas junto de uma opinião pública manipulada pela televisão.

A Federação da Hotelaria (FESHOT), sector onde os problemas sociais se agravam, anunciou para o próximo dia 11 uma conferência de imprensa, na previsão de vir a adoptar formas de luta, que «poderão ir até à greve, no período de 25 de Junho a 4 de Julho».

Apurava-se entretanto junto da Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria e Turismo de Portugal (FESHOT), organização que há meses atrás levou os trabalhadores à luta pela contratação colectiva em várias unidades hoteleiras, que, apesar do esforço desenvolvido pelos sindicatos e pelos trabalhadores, os problemas são «inúmeros, diversificados e graves», sem que se preveja a sua resolução enquanto a política patronal for apoiada por um governo do tipo do actualmente em gestão, que serve de «alavanca da ofensiva contra os direitos dos trabalhadores» do sector.

Estratégia de conflito

Na Rodoviária Nacional (RN), empresa pública como

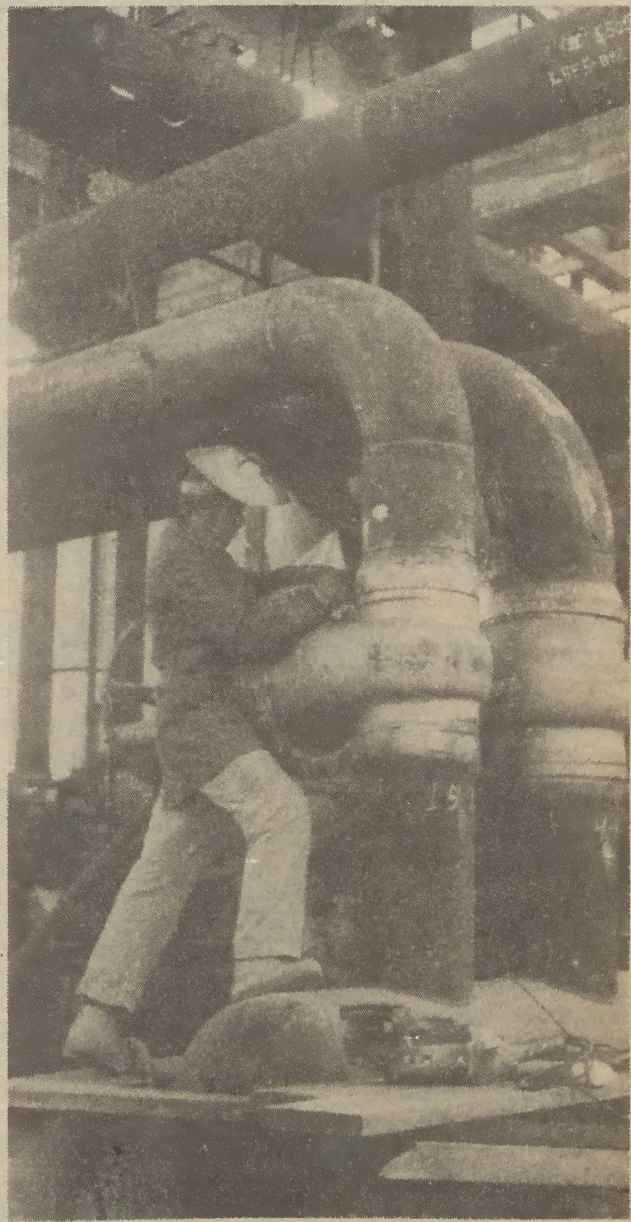
se sabe, o ministro dos transportes, há dias solicitado a intervir pela FESTRU (Federação) a fim de evitar o conflito que se anuncia com as posições do conselho de gerência, nada disse. Adianta a FESTRU que essa posição do Governo «comprova a estratégia de provocar a conflitualidade dentro das empresas que prestam serviços essenciais à população».

Esta afirmação da FESTRU é baseada principalmente no facto de o conselho de gerência (CG) da RN não ter apresentado qualquer contraproposta de revisão do acordo de empresa (AE).

Conforme se sabe, há prazos legais para isso, mas, de acordo com a Federação, o CG «procura impor no processo de negociação a presença de entidades estranhas aos sujeitos de negociação, que são a FESTRU e ele próprio, CG».

Recorde-se que no centro da tentativa de exacerbar o conflito se encontra uma «proposta» de aumentos salariais inaceitáveis, que não chegaria aos 7 por cento.

Segundo uma resolução aprovada no passado dia 3



Não aos baixos salários, palavra de ordem em vários sectores

pelo plenário de sindicatos filiados na FESTRU, existe um boicote — é o termo utilizado — contra «todas as tentativas da CNS (comissão negociadora sindical) para a revisão do AE».

No preâmbulo da mesma resolução sobre o AE/RN afirma-se que esse boicote «se insere na tentativa do Governo PSD/Cavaco Silva de criar conflitos laborais nas empresas públicas, com intuitos claros de virar as populações contra os trabalhadores».

Ao mesmo tempo que reclamam o exercício do «direito à livre negociação», os sindicatos da FESTRU e os trabalhadores da RN decidem «pôr em prática uma grande campanha de esclarecimento da opinião pública, no sentido de denunciar as intenções do Governo PSD/Cavaco Silva de criar conflitos no sector dos transportes, com propósitos eleitoralistas».

No entanto, não são estes os únicos propósitos do Governo, pelo menos no que respeita à Rodoviária. Trata-se, segundo os sindicatos, de desmantelar a empresa, facilitando por essa via um avanço ainda maior do grande capital privado.

Impasse negocial na Petroquímica

A Federação da Química e Farmacêutica (FSTIQF) considerava, entretanto, «incompreensivelmente intransigente» a posição do CG da Petroquímica e Gás de Portugal (PGP), também uma empresa pública, que, após doze sessões de negociação não vai além dos 9 por cento de aumentos salariais. Os sindicatos reclamam 14,5 por cento.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria Química e Farmacêutica (FSTIQF) recorreu, por sua vez, ao ministro da tutela (pasta da Indústria) para «evitar o agravamento do conflito», que os negociadores da empresa parecem procurar.

Recorde-se que na PGP, além dos salários está também em causa, afirma a Federação, «um conjunto de matérias que o CG há muito vem prometendo, mas sobre as quais até ao momento (a nota da FSTIQF é do passado dia 1) ainda não deu uma resposta satisfatória».

Debate sobre o MAPA

Organizado pela Federação e pelos Sindicatos da Função Pública, o segundo debate público sobre o Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação permitiu constatar «a existência de uma estratégia definida pelo Governo no sentido do esvaziamento das competências e atribuições do MAPA». Entre outras conclusões proveitosas, o debate efectuado em 30 de Maio findo, em Algés (que pode servir de estímulo a realizações do mesmo tipo em relação a outros organismos da Administração Pública) permitiu verificar ainda «a ausência de transparência relativamente à gestão e utilização de verbas e subsídios da CEE».

Sem prejuízo de um debate mais profundo, conforme se depreende de uma nota à imprensa distribuída na pas-

sada quarta-feira pela comissão executiva do conselho nacional da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, o debate sobre o MAPA permitiu discutir ainda «a total ausência por parte dos responsáveis do MAPA de um planeamento e coordenação eficaz dos meios humanos, técnicos e financeiros e dos objectivos do Ministério».

No debate foi decidido promover um encontro dos trabalhadores do MAPA, especialmente para analisar a proposta daquele Ministério sobre «o actual regime de pessoal» que, segundo a Federação dos TFP, inclui entre outras as seguintes questões: «dignificação das carreiras profissionais, formação profissional e definição do enquadramento dos profissionais do sector».

Trabalhadores

CGTP lança apelo: Há que acabar com a exploração de crianças

• **O Governo legitima-a,
em vez de a punir**
— **acusa a Central**

A situação da criança em Portugal é altamente preocupante, considera a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN, que decidiu, na sua reunião de 1 de Junho, lançar um apelo a que seja posto termo à exploração de mão-de-obra infantil. Em conferência de imprensa, Manuel Carvalho da Silva e outros dirigentes da Intersindical deram a conhecer os motivos de preocupação pela situação das crianças no nosso país e as razões do lançamento desta campanha.

No distrito de Bragança 16% das crianças que terminam o ensino básico (primário) não se chegam a matricular no ciclo preparatório; no de Aveiro há cerca de 6 mil crianças a trabalhar, segundo um estudo ainda em curso e apesar de todas as dificuldades de quantificação que o problema do trabalho infantil coloca. Na conferência de imprensa foram citados estudos que apontam para um total de 200 mil crianças a trabalhar em Portugal.

«Diversas medidas positivas — recorda o comunicado da Comissão Executiva da CGTP-IN — implementadas após o 25 de Abril têm vindo a ser eliminadas ou drasticamente reduzidas». É disso exemplo a situação no ensino primário, onde «globalmente se verificavam mais experiências positivas de inovação pedagógica».

Mas há outras faltas graves no ensino que — alerta a central — se reflectem no futuro da sociedade: não são implementadas as normas

pré-escolares de vigilância médica às crianças dos 3 aos 6 anos; é extremamente deficitária a vigilância das crianças em idade escolar (onde é muito importante a detecção de deficiências de acuidade visual, auditiva, articulação verbal, etc.); não é dado o necessário apoio a crianças deficientes.

Por outro lado, não é dada uma resposta aos problemas que a localização das escolas e as carências de transportes levantam a professores e alunos, sobretudo do ensino primário.

Toda esta falta de atenção aos problemas do ensino — denuncia a CGTP-IN, depois de referir a falta de instalações escolares e as condições más condições de trabalho e estudo —, acrescida de crescentes dificuldades financeiras de muitos milhares de famílias, leva a que as taxas de insucesso escolar sejam extremamente elevadas, atingindo 25 a 30 por cento dos alunos no 5.º e 6.º anos de escolaridade.

**10 anos, 8 horas,
5 contos
e a impunidade!**

A exploração de mão-de-obra infantil tem vindo a



O crescimento do trabalho infantil é um sinal claro do poder retrógrado do grande capital financeiro e da política que o serve

alastrar: em Junho de 1986 o «Avante!» alertava para o trabalho negro infantil no Minho, em fábricas de calçado, têxteis, na construção civil.

O comunicado da Comissão Executiva da CGTP-IN afirma que este flagelo «tem já uma dimensão nacional e atinge praticamente todos os sectores de actividade, com particular relevância para os sectores agrícola, construção civil e obras públicas, indústria alimentar, hotelaria, têxteis, vestuário, calçado, indústria corticeira e serviço doméstico».

Estas crianças — segundo os estudos da Inter — têm entre os 10 e os 13 anos de idade, trabalham entre 8 e 12 horas diárias e ganham entre 5 contos e 7500\$00 por mês, quando não acontece chamarem-lhes aprendizes para não lhes darem qualquer remuneração. Entretanto, há casos em que menores executam tarefas exigíveis a trabalhadores qualificados.

A CGTP afirma que a Inspeção-Geral do Trabalho e o Governo conhecem bem a generalidade dos casos de exploração de mão-de-obra infantil mas «não actuam conforme a gravidade da situação exige». A IGT limita-

-se, quando actua, a aplicar multas que vão de 500\$00 a 5000\$00 — afirmaram os dirigentes da CGTP-IN.

Desta forma, a IGT e o Governo legitimam, em vez de punir, um facto que a todos envergonha — concluem.

Há também, a par da exploração da mão-de-obra infantil, muitos adolescentes que são extremamente mal pagos pelo trabalho que fazem, recebendo — segundo foi afirmado na conferência de imprensa — salários que não ultrapassam os 12 500\$00.

«Constatámos uma profunda ligação entre a maior precariedade do emprego e o aumento do trabalho infantil» — informou Manuel Carvalho da Silva quando interrogado sobre as causas do alastramento do recurso a crianças como mão-de-obra; o coordenador da CGTP-IN lembrou muitos casos de desempregados que, quando procuram trabalho, ouvem respostas como «para si não há, mas, se tiver um miúdo de 10 anos, talvez se arranje para ele qualquer coisa...».

Esta situação — na opinião dos sindicalistas — é consequência de uma política que pretende «resolver problemas económicos à custa da intensificação da exploração».

É urgente actuar!

Perante esta situação, a CGTP-IN afirma que é urgente e imperioso que sejam tomadas medidas que, de facto, garantam os direitos das crianças e acaulem o seu futuro e o futuro do país.

O apelo lançado pela CGTP-IN — além de reivindicar mais uma vez a aplicação integral da Declaração Universal dos Direitos da Criança no nosso país — exige a ratificação da convenção 138 da Organização Internacional do Trabalho e a consagração legal da idade mínima de 16 anos para trabalhar.

A Intersindical exige também a revogação da decisão da ministra da Saúde que impõe o encerramento de diversas maternidades, medida que considera «incompatível com o direito de nascer com saúde e de dispor de uma adequada assistência hospitalar».

A CGTP-IN dirige-se a todos os poderes públicos, às organizações políticas, sociais e religiosas e a todos os portugueses para que deem o seu apoio ao apelo e um importante contributo para acabar com a exploração de mão-de-obra infantil em Portugal.



«A criança deve ser protegida contra toda a forma de negligência, de crueldade e de exploração. Não deve ser submetida a tráfego, seja de que tipo for.

Não deve permitir-se que a criança trabalhe antes de ter alcançado a idade apropriada; não deve em nenhum caso ser obrigada ou autorizada a ter uma ocupação ou um emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que impeça o seu desenvolvimento físico, mental ou moral.»

(Princípio IX da Declaração Universal dos Direitos da Criança)

Reúnem-se as CT's do Porto

No próximo dia 12, sexta-feira, reúne-se no Porto o plenário distrital de membros das comissões de trabalhadores. A Coordenadora das CT's do Porto refere que, no seguimento do Encontro Nacional de 16 de Maio, «importa agora levar aos trabalhadores, nas empresas, as exigências e as reclamações das CT's», que nomeia como segue: «modernização do aparelho produtivo; mobilização dos recursos, capacidades e energias produtivas do País; manutenção e apoio às diversas formações económicas; combate ao desemprego; definição de uma política nacional de formação profissional; combate à precarização dos postos de trabalho; aumento dos salários acompanhando a subida dos preços; fim aos salários em atraso; uma segurança social unificada, integrada e descentralizada; concretização de um serviço nacional de saúde; fim dos ataques ao sector público e à reforma agrária; pela intervenção democrática e o controlo efectivo dos trabalhadores, pela participação na gestão das empresas do sector empresarial

do Estado».

Quanto às eleições de 19 de Julho, as CT's do Porto, através da Coordenadora, afirmam que vão «intervir no contexto da campanha eleitoral de forma activa, esclarecedora e mobilizadora, partindo das realidades, dos problemas concretos dos trabalhadores, para derrotar a direita e os seus objectivos retrógrados».

Depois de considerar «decisivo» o voto dos trabalhadores, a Coordenadora das CT's do Porto precisa que não se trata, neste caso, apenas de um voto contra a direita e as forças que a sustentam, mas «é também e acima de tudo um voto a favor da democracia, na convergência e no entendimento das forças democráticas, num projecto de sociedade onde a política tenha como destinatário o homem». Porque «serão os trabalhadores a dar a maioria às forças democráticas, será com eles e não contra eles que estas deverão governar», sublinha a Coordenadora das CT's do Porto ao anunciar o plenário distrital da próxima sexta-feira.

Trabalhadores

3.º Congresso da USL denuncia a grave situação social no distrito

No fim-de-semana realizou-se o III Congresso da União dos Sindicatos de Lisboa. Reunido em sessão extraordinária no pavilhão do Sacavenense, o órgão máximo desta estrutura intermédia da CGTP-IN fez uma veemente denúncia da situação social no distrito e apontou o reforço da unidade e da acção solidária dos trabalhadores como o caminho para a resolução dos problemas. Foi dada grande importância às eleições de 19 de Julho e à necessidade de os sindicatos e todos os trabalhadores contribuírem para derrotar o grande patronato e as forças que o representam, impedir a constituição de um governo minoritário de direita e contribuir para uma alternativa de política e de governo.

O III Congresso da USL teve a participação de 430 delegados de 53 sindicatos do distrito. Durante todo o sábado e a manhã de domingo foram discutidos e aprovados o relatório de actividades de Fevereiro de 1986 (data do II Congresso) a Maio de 1987, o programa de acção para 1987-1990, a plataforma reivindicativa imediata e alterações aos estatutos da União.

O congresso elegeu os órgãos de direcção da USL. Do Conselho Distrital (que substitui o anterior Secretariado de 46 elementos) fazem parte 63 pessoas, 26 das quais foram eleitas pela primeira vez. Florival Lança, da Comissão Executiva da CGTP-IN, foi reeleito coordenador da USL.

O maior problema é o desemprego

No distrito de Lisboa — afirma-se no Programa de Acção — existem actualmente 121 mil desempregados e 22 mil trabalhadores com salários em atraso. Desde 1986 foram encerradas 86 empresas e foram destruídos 16 mil postos de trabalho; outros 15 mil estão em perigo.

O emprego precário assume proporções de escândalo: 89,7% dos contratos de trabalho firmados no sector da construção civil são contratos a prazo; este índice é de 69,1% nas indústrias transformadoras e de 61,3% no comércio.

O Programa de Acção considera o desemprego e a

• Sublinhada a necessidade de um forte empenhamento na batalha eleitoral

precariedade no emprego «os problemas mais graves que actualmente os trabalhadores enfrentam» no distrito de Lisboa e salienta a necessidade de serem tomadas medidas eficazes contra o agravamento desta situação, promovendo a estabilização do emprego, a criação de novos postos de trabalho, o apoio aos desempregados e subempregados e aos deficientes. Mas estas medidas — salienta o documento que vai guiar a acção da USL nos próximos três anos — «não passarão de propostas de medidas desgarradas e ineficazes se não forem devidamente enquadradas no plano de fundo de uma correcta política económica nacional e regional».

A situação das mulheres trabalhadoras também foi debatida no III Congresso da USL. «Há menos empresas, há mais mulheres a trabalhar a prazo, à hora, à peça, à tarefa e no domicílio», denuncia o Programa de Acção, acrescentando: «É esta a lógica do capital: encerra as empresas para não ter encargos; despede as trabalhadoras e manda-

-as para casa; depois vai a casa delas e encomenda o trabalho que antes era feito na fábrica. Com isto — conclui o documento — aumenta o lucro, aumenta a exploração, cria uma economia paralela».

A adopção de medidas demagógicas (como a ocupação temporária de jovens, o crédito à habitação, o cartão jovem, a proliferação de cursos de formação profissional sem garantia de emprego) não é mais que o «reconhecimento dos graves problemas com que a juventude se debate» — considerou o congresso, fazendo notar que os objectivos dessas acções «se ficam pela obtenção de resultados eleitorais».

Pelo reforço da unidade e da organização

O congresso discutiu a ofensiva patronal e dos governos de direita contra a organização sindical de base do distrito de Lisboa.



Entre as medidas definidas para o reforço organizativo do movimento sindical unitário foi apontada a realização de **encontros sectoriais de organização de base de empresas ou serviços prioritários** (metalurgia, química, indústrias eléctricas, transportes e bebidas). Foi ainda decidido concretizar um **levantamento de empresas recentemente constituídas** nos sectores da metalurgia, indústrias eléctricas, têxteis, construção, química e comércio e serviços e definir uma **estratégia de implantação sindical** para este tipo de unidades, em geral, caracterizadas por fortes restrições à actividade das organizações de trabalhadores.

Também para reforçar a organização sindical de base no

distrito e aproximar mais os sindicatos e os trabalhadores, o congresso salientou a necessidade da descentralização e de fomentar o trabalho dos secretariados de zona.

«Este congresso, realizado num momento de intensa actividade, é um marco importante e decisivo na vida da União dos Sindicatos de Lisboa» — como afirmou o coordenador da CGTP-IN, Manuel Carvalho da Silva, no encerramento.

«Penso — acrescentou — que estes dois dias constituiram um bom momento de reunião, de reflexão, com base no trabalho desenvolvido nos últimos tempos, que criará condições para a execução das inúmeras tarefas e projectos que há para concretizar».

Vendas a prestações Comércio critica restrições do Governo

Como já sucedera com a Confederação Portuguesa das Pequenas e Médias Empresas, que criticou a recente portaria que regulamenta as vendas a prestações, por reduzir ainda mais o mercado interno e concentrar as vendas nas grandes empresas, também a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPCES) se opõe à «decisão do Governo que altera o regime de vendas a prestações, agravando as condições de acesso a uma grande variedade de produtos, alguns deles de uso generalizado e praticamente indispensáveis à maioria da população».

Acrescenta a FEPCES que se trata de «uma medida discriminatória, ineficaz e hipócrita, que confirma a total perda de controlo da economia por parte do Governo».

Onde está afinal a liberalização do mercado?

Segundo a FEPCES, com esta alteração do regime de vendas a prestações, o Governo fez cair por terra, definitivamente, «quer as teses de quem sempre tem defendido a total liberalização do mercado, quer ainda as de que a integração na

CEE correspondia a uma clara melhoria da qualidade de vida».

Para a Federação do Comércio «esta medida traduz as dificuldades crescentes do Governo no controlo da economia e reflecte algum desespero face à ineficácia das suas medidas para baixar a taxa de inflação, suster o agravamento do défice comercial e desequilíbrio da balança de transacções correntes».

Numa nota do passado dia 5, a FEPCES destaca que se trata, por outro lado, de «uma medida que serve os interesses do grande capital e que atinge fortemente as pequenas e médias empresas».

No entender da FEPCES, estas últimas, «devido ao fraco poder de compra das populações» são forçadas a recorrer «cada vez mais ao regime de vendas a prestações».

Recorde-se, entretanto, que a medida do Governo de gestão teve o apoio da CIP e da UGT, no Conselho de Concertação Social, como refere a FEPCES, é também «uma medida selectiva e vinicamente classista, porque visa reduzir ainda mais o consumo dos que já pouco consomem».

A alteração cavaquista do regime de vendas a prestações é «ainda uma medida enfiada e demagógica, porque procura mistificar e inverter o processo lógico de resolução das enormes carências das classes mais desfavorecidas», que têm «todo o direito a uma melhor qualidade de vida», devendo esta assentar num «emprego estável, num salário justo, numa habitação condigna, na eficácia e qualidade dos serviços de saúde, no acesso à educação e à cultura», conclui a FEPCES.



Nacional

Parlamento Europeu

Comunistas obtêm benefícios para Portugal

Devido à pronta intervenção do deputado comunista Brito Apolónia na Comissão de Transportes do Parlamento Europeu a CEE reconsiderou um projecto que pretendia excluir a possibilidade da cidade de Lisboa vir a estar ligada a Madrid e Paris por uma linha de comboios de alta velocidade.

A defesa da inclusão da capital portuguesa no referido projecto foi levantada pelo nosso camarada naquela Comissão de que é vice-presidente no momento em que se discutia o relatório para as grandes obras em fase operacional ou em preparação como é o caso do túnel sob a Mancha ou das linhas de comboio da alta velocidade Paris-Bruxelas-Londres-Amesterdão-Colónia-Paris-Madrid, entre outras.

Inserindo-se na política do PCP de defesa do serviço de transportes nacionais e nomeadamente da CP, Brito Apolónia defendeu na ocasião que não fazia sentido no relatório da Comissão de

Transportes falar-se de um projecto que excluía o nosso País e que iria beneficiar apenas da Espanha.

Bater com o punho na mesa

Mas a subserviência e o alheamento pela defesa dos interesses nacionais por parte do Governo português chegaram já a tal ponto que até os estrangeiros reconhecem que o Governo português não defende os interesses do País sempre que estes estão em jogo, não hesitando em o afirmar de viva voz como recentemente su-

cedeu na reunião da Comissão de Política Regional do Parlamento Europeu.

Discutia-se o relatório sobre um plano integrado para Portugal que prevê o desenvolvimento do País em vários sectores — momento intercalado por frequentes referências de deputados de diferentes países à simpatia e hospitalidade dos portugueses — quando, a dada altura, o relator do programa integrado para Portugal, o alemão federal Jannius Sakelariou, que já esteve em Portugal por motivos de trabalho, afirmou a dado passo ser «preferível que os portugueses fossem menos simpáticos, particularmente os membros do Governo, e batesses mais com o punho na mesa para defenderem os seus interesses».

Na sequência da declaração do Comissário no sentido de que todo o território português era prioritário para

as ajudas comunitárias, Brito Apolónia aproveitou ainda a reunião da Comissão para questionar sobre a circunstância de Lisboa e os concelhos limítrofes não serem considerados zonas elegíveis pelo FEDER (Fundo de Desenvolvimento Regional), sendo certo que há nestes concelhos problemas estruturais idênticos ao resto do território.

Com efeito, o FEDER não abrange Lisboa nem os concelhos da periferia — como se nesta zona específica não existissem problemas graves, ainda que de outra ordem —, facto que levaria o deputado comunista a concluir que tal resulta das «condições de adesão impostas a Portugal, que urge rever».

Lixo nuclear

O deputado comunista no Parlamento Europeu Joaquim Miranda deslocou-se, entretanto, a Trás-os-Montes tendo participado em diversas reuniões e encontros em diferentes localidades.

No decorrer da sua deslocação, teve ensejo de estabelecer diversos contactos com diversas pessoas e entidades locais, nomeadamente nos concelhos de Mogadouro e Freixo de Espada à Cinta onde trocou informações sobre o projecto espanhol de construção de um cemitério de resíduos nucleares em Aldeíavilla, junto à fronteira luso-espanhola.

Durante os encontros Joaquim Miranda teve oportunidade de constatar a profunda preocupação das populações relativamente ao projecto espanhol, informando-as simultaneamente das iniciativas já tomadas a este respeito no Parlamento Europeu por iniciativa dos deputados comunistas.



Carlos Costa em S. Pedro da Cova e em Paranhos

«Assumindo os resultados das próximas eleições para a Assembleia da República uma importância que pode ser decisiva para o regime democrático e o futuro imediato de Portugal, é um dever democrático das forças políticas concorrentes com capacidade de eleger deputados darem aos eleitores a possibilidade de julgarem o confronto de ideias, especialmente a apreciação que fazem da situação política, económica e social e das soluções que preconizam para os graves problemas do País e do distrito» — referiu na passada sexta-feira, em S. Pedro da Cova, o camarada Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP e cabeça de lista da CDU pelo círculo do Porto.

O camarada Carlos Costa propôs ainda na mesma sessão «aos candidatos que encabeçam as listas do PSD, PS, PRD e CDS debates entre todos (conjuntamente ou dois a dois) em sessões abertas aos eleitores e à comunicação social».

Já no sábado, Carlos Costa participou num encontro de apoiantes da CDU na freguesia de Paranhos, às 21.30 horas no salão da Junta de Freguesia, onde, de uma forma muito viva, foi dado balanço do trabalho realizado nas diversas comissões de apoio existentes nos bairros camarários e em várias zonas da freguesia. As formas específicas do trabalho com a juventude, os apoios e assinaturas recolhidas de variados sectores, a confiança nos resultados das eleições de 19 de Julho, foram temas abordados nesta reunião na maior freguesia da cidade do Porto.

Parlamento Europeu

Barros Moura, deputado do PCP no Parlamento Europeu e agora candidato da CDU, participou no passado fim-de-semana, no Porto, num programa de contactos e de esclarecimento.

Na sexta-feira, em reunião com as organizações de trabalhadores da Siderurgia Nacional/Maia, foi analisada a situação que atravessa aquela empresa pública, designadamente com a integração de Portugal na CEE. Barros Moura teve um encontro com a comunicação social do distrito do Porto, no Hotel Tuela, no sábado, e participou em dois debates subordinados aos temas «A CEE e os direitos dos trabalhadores», na Faculdade de Engenharia, no dia 5, e «Portugal e a CEE — Experiência de um ano no Parlamento Europeu», no Hotel Tuela, no dia 6 de Junho.

Para quando a abolição das portagens de Sacavém e Alverca?

À passagem de mais um aniversário (o vigésimo sexto) da abertura da auto-estrada do Norte, entre Lisboa e Vila Franca, de novo se coloca o problema da portagem de Sacavém e Alverca, cuja abolição é de há muito exigida pela população da zona.

Em carta dirigido no dia 27 último ao Primeiro-Ministro demitido, o presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Daniel Branco, reafirma a determinação da sua Câmara em «pressionar o Governo, por todos os meios ao seu alcance, para que termine com a injustiça de fazer pagar portagem há mais de duas décadas e meia de anos a

todos os utentes deste troço da auto-estrada».

A 5 de Maio último, o secretário de Estado das Vias e Comunicações, em reunião na sede da Junta Autónoma de Estradas, informou o presidente da Câmara de Vila Franca que «o Governo não tinha tomado, nem previa tomar, qualquer medida tendente a eliminar portagens de auto-estradas». Entretanto, mais recentemente (a 18 de Maio), o ministro da Administração Interna, por ocasião da inauguração das instalações do Centro Distrital de Protecção Civil de Lisboa, informava um vereador daquela Câmara que «havia sido pedido ao Ministério

das Obras Públicas, Comunicações e Transportes um estudo tendo em vista a abolição das portagens existentes na periferia de Lisboa, até uma distância de 30 quilómetros». De qualquer modo e pese a ameaça clara, expressa nas palavras de Eurico de Melo, de mais uma medida eleitoralista, a única alteração na situação foi, continuamos a citar a carta de Daniel dos Reis Branco, «o início dos trabalhos junto à portagem de Sacavém para o aumento do número de cabines da portagem», obra que segundo informações vindas a lume orçará os 150 a 200 mil contos.

Considerando intolerável esta situação, bem como o silêncio deliberado da parte do Governo às repetidas exigências da população, o presidente da Câmara de Vila Franca reafirma as exigências que são as da população, formuladas a 7 de Agosto numa carta a que Cavaco Silva não se dignou responder, a saber, «abolição das portagens da auto-estrada em Sacavém e Alverca e a transformação do troço da auto-estrada entre Lisboa e Vila Franca de Xira em via rápida suburbana, com ligação de novos nós que permitam uma exploração mais racional desta via e da actual EN 10 nesta zona de intensa saturação do tráfego rodoviário».

Constituída Federação Nacional de Cooperativas Agrícolas

Foi constituída na passada quarta-feira, por escritura pública no Cartório Notarial de Évora, a Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas (FENCA). Tem esta estrutura agora criada como objectivos a coordenação e representação das cooperativas agrícolas de produção, a nível nacional como internacional, particularmente junto da CEE. Neste plano, a recém criada Federação irá reivindicar o seu lugar no Conselho Económico e Social da Comunidade Económica Europeia.

Para Lino de Carvalho, membro da direcção da FENCA, trata-se da «estrutura mais representativa deste ramo do cooperati-

vismo agrícola que acaba de constituir-se e que assenta a sua representatividade nas unidades colectivas de produção agrícola, mas também nas cooperativas de exploração integral da terra que existem neste país». «Pensamos — concluiu, — que o desenvolvimento da agricultura portuguesa passa a contar com um elemento importante para o seu futuro, sendo necessário que o Governo — designadamente o Governo que venha a ser constituído depois de 19 de Julho — apoie as cooperativas, termine com o processo de destruição da Reforma Agrária e crie condições para a moderni-

zação da agricultura portuguesa».

Este ramo do sector cooperativo agrícola é constituído por 320 cooperativas, que detêm cerca de 7 por cento da superfície agrícola do País e contribuem com 10 por cento da produção nacional.

Os órgãos sociais da FENCA ficaram assim constituídos: Assembleia Geral — José Bombico, Estevão Caeiro Oca, Ricardo Ramos Peixeiro; Direcção — António Borges, Lino de Carvalho, João Serra, Jerónimo Mendes, Artimino Mocinho, Manuel Caetano e Alexandre Padre; Conselho Fiscal — José Felisberto, Florindo Cunha e António Areias.

Sorteio na Festa da Amizade

O sorteio do borrego, da Organização do PIA/Raposo, na Festa da Amizade, saiu no n.º 514.



Internacional



Centro histórico de Berlim, capital da RDA. Este ano a cidade comemora os seus 750 anos

RDA, congresso sindical

Ganhar tempo é ganhar força

De 22 a 25 de Abril realizou-se em Berlim o 11.º Congresso da Confederação dos sindicatos livres alemães. Um Congresso normal, de trabalho, em que são realçados os caminhos percorridos e os quotidianos problemas que a vida coloca numa sociedade socialista. No centro da acção e das preocupações — a unidade do desenvolvimento económico e social. «Uma coisa é certa» — afirma o camarada Erich Honecker, secretário-geral do CC do PSUA — «é que o trabalho sindical só pode ser benéfico se se basear numa estratégia social clara. Estamos a construir o socialismo num período muito agitado, num momento em que mais que nunca a nossa acção pela melhoria das condições de vida de cada habitante do nosso país se deve ligar à luta pela defesa da civilização humana no seu conjunto. Cada passo em frente na construção da sociedade socialista desenvolvida assume assim particular importância».

E não só esses passos têm vindo a ser dados, como neles conta particularmente a acção empenhada dos sindicatos livres. Simultaneamente em dois planos: desenvolvimento da economia e melhoria das condições de vida da população.

Os índices são muito expressivos. Entre 1970 e 1986 o rendimento nacional registou um acréscimo de 107%. Neste mesmo período o produto por trabalhador quase duplicou. Outro dado importante: o crescimento do rendimento nacional ao longo deste período é — em 90% — fruto do aumento da produtividade do trabalho. Ou seja, trata-se da concretização de facto da via de intensificação da economia.

Via que não é fácil. E onde ainda muito está por fazer.

Basta referir que no que respeita à introdução de novas tecnologias-chave, os aumentos de produtividade que se pretende são da ordem dos 200 e mesmo dos 750%. Empresas há que já alcançaram estes resultados. Mas não se trata de tarefa fácil.

«O objectivo — sublinha Honecker — é uma produtividade elevada, a aceleração do crescimento para conseguir estar à altura da concorrência mundial, ou mesmo de determinar o seu nível. Todo o ganho de tempo é

um ganho de força para o socialismo. Todos os nossos esforços irão no sentido de conseguir uma ainda maior economia de tempo. Todo o progresso neste caminho permitir-nos-á melhorar a relação entre tempo de trabalho e tempo livre. Apesar dos sucessos alcançados, muito resta ainda a fazer neste domínio».

Dois factos importantes ficaram realçados nestas palavras.

Em socialismo a revolução técnico-científica significa não o desemprego, mas mais tempo livre para quem trabalha.

Mas também em socialismo, a aplicação de novas tecnologias coloca questões sociais. Economia de tempo, a sua utilização completa — garantindo uma elevação do nível de vida material e cultural — põe entretanto problemas como o dos turnos de trabalho. O que no caso exige dos sindicatos esforços redobrados para minimizar efeitos negativos na vida de cada um.

Entretanto os resultados sociais do empenhamento económico estão à vista.

Dois elementos que destacamos entre os muitos outros referidos: até 1990, o problema da habitação ficará resolvido (uma casa para cada família com todas as condições exigidas pela vida

contemporânea); neste mesmo período o rendimento real por habitante (extravassando portanto a população activa) irá crescer ao ritmo de 4% ao ano e o rendimento líquido em dinheiro aumentará na mesma proporção.

Uma tal política económica e social exige antes do mais, como condição externa de desenvolvimento — a paz.

Por isso o Congresso da Confederação dos sindicatos livres alemães aprovou um Apelo dirigido a todos os sindicatos.

«Dirigimos o nosso apelo aos sindicatos de Leste a Oeste, de Norte a Sul: unamos os nossos esforços no interesse da paz, de que depende o sentido e o sucesso da própria defesa dos interesses dos trabalhadores pelos sindicatos e, em última análise, todo o progresso social, para que o movimento sindical internacional faça ouvir de forma ainda mais poderosa a voz da consciência mundial».

Polónia

Reforço do Partido Reforço do socialismo

A Polónia não é, neste momento, notícia. Nenhuma ameaça de acção por parte do que resta do «Solidariedade» se tem vislumbrado. Tão pouco se anunciam aumentos de preços. Na Polónia trabalha-se. Desenvolve-se um esforço empenhado para resolver problemas, proceder às transformações adequadas no plano económico e sociopolítico, para o reforço do socialismo. Esforços particularmente dirigidos para uma maior participação de todos, nomeadamente através do Movimento Patriótico para o Renascimento Nacional. E porque é de trabalho construtivo que se trata, e para mais na senda do reforço do socialismo — secaram as notícias sobre a Polónia.

Nem por isso são menos importantes os factos políticos ultimamente registados. Como os resultados obtidos no plano económico.

A 22 e 23 de Maio realizou-se em Varsóvia um plenário do CC do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) com um tema particularmente importante: «sobre o crescimento do papel das organizações de base na vida social, política e económica da Polónia Popular».

«É a primeira vez na história do nosso Partido que consagramos os debates de um plenário do CC do POUP ao reforço das organizações de base do Partido. É a base do Partido, a sua força principal, que se coloca na primeira linha».

São palavras de Jaruzelski no discurso de encerramento, em que também sublinha: «Para que o Partido continue o mesmo, ou seja, marxista-leninista, o POUP não pode continuar a ser o mesmo. Precisa reformular audaciosamente e de forma criadora o seu estilo de trabalho. De facto, a força real, e não a força fictícia, do Partido, depende de dois importantes factores. O primeiro é a coesão interna, a sua ideologia, a sua identidade. O segundo é a amplitude da confiança e do apoio por parte da sociedade, é a amplitude da frente

de entendimento. A envergadura e a durabilidade das alianças. Ambos os factores se interligam».

Assim, foi objectivo do Plenário «dar novos impulsos aos processos de transformação no seio do Partido, responder à questão de como acelerar e aprofundar o processo que visa o crescimento da eficácia da actividade do Partido e como, graças ao trabalho das organizações de base do Partido, podem ser utilizadas as reservas visíveis e ainda ocultas do desenvolvimento».

Um plenário muito importante, porque visa o reforço da base política fundamental da própria construção do socialismo — o partido comunista.

Duas orientações fundamentais se colocam hoje para a acção política do POUP.

Primeiro, a **reforma da economia nacional**, de todo o mecanismo económico, a fim de ultrapassar as consequências da crise, acelerar o desenvolvimento do país, criar as premissas que permitam melhorar as condições de vida da sociedade.

Segundo, a **democratização da vida sociopolítica**, para libertar e melhor utilizar o potencial colectivo de energia e conhecimentos da sociedade. Objectivo para que

também contribui a recente realização — em 8 de Maio passado — do 2.º Congresso do Movimento Patriótico para o Renascimento Nacional.

A realidade económica da Polónia hoje, foi recentemente analisada, em reunião do Bureau Político, que se debruçou sobre os resultados dos 4 primeiros meses deste ano.

Os avanços são sensíveis. Nestes primeiros meses de 87, por exemplo, a produção industrial aumentou de 2,6 por cento em relação a igual período de 86. Já as estatísticas referentes a 86 indicavam que o rendimento nacional não só havia sido superior a 85 como tinha ultrapassado as previsões. O mesmo no que respeita à produção da indústria socializada.

Entretanto as dificuldades e problemas estão longe de ter sido superados. Há atrasos em particular em relação aos índices previstos de produtividade e no que se refere ao equilíbrio da economia. A questão da baixa qualidade de alguns dos produtos fabricados no país foi sublinhada por Jaruzelski.

Nos seus traços fundamentais, com oscilações embora, a reforma económica, encetada em 1982, avança. Trata-se, antes do mais, de um processo de descentralização e de consolidação do carácter estratégico da planificação. Desenvolvem-se os mecanismos de mercado, atribuindo às empresas uma larga autonomia, autofinanciamento e os direitos e deveres inerentes à autogestão. Um caminho árduo mas frutuoso. A reforma já se traduz em resultados muito concretos — graças à sua implementação cerca de 50% do rendimento nacional vem a ser o resultado de uma melhor exploração dos recursos.

Médicos pela Paz

Terminaram em Moscovo os trabalhos do VII Congresso internacional dos médicos pela prevenção da guerra nuclear, que contou com a presença de cerca de 3 mil médicos de 55 países. De Portugal, estiveram em Moscovo os médicos Falcato Simões e Moradas Ferreira (vice-presidente da Associação Portuguesa de Médicos pela Prevenção da Guerra Nuclear).

O movimento, surgido em 1980, conta hoje com 170 mil médicos em 55 países, a que neste último encontro se juntaram seis novas associações — Guatemala, Indonésia, Jordânia, Malásia, Nepal e Tanzânia.

O congresso terminou com o Apelo à total liquidação das armas nucleares — o que acontece pela primeira vez na história do movimento. Rejeita a ideia de que uma redução dos armamentos nucleares conduziria ao aumento dos arsenais convencionais, e sublinha que o fim das armas nucleares reforçaria a confiança criando as condições para pôr termo à hemorragia de recursos do planeta, da ordem de mais de dois mil milhões de dólares por dia.

O documento final afirma ser indispensável avançar — da tomada de consciência das catastróficas consequências da guerra nuclear e da impossibilidade de



nela vencer, para o desarmamento nuclear — pois só a renúncia total às armas nucleares pode garantir a sobrevivência da humanidade.

Alguns dados particularmente elucidativos foram divulgados no Congresso de Moscovo. Um dos delegados presentes destacou que uma em cada 43 pessoas é um soldado, enquanto que há um só médico para 1030 habitantes. Os países desenvolvidos dispõem para fins militares 5,4% do produto nacional bruto enquanto apenas 0,3% é destinado à assistência aos países em vias de desenvolvimento.

Números muito gerais, mas que falam por si.

Internacional

A CIA em acção nas Filipinas

O envolvimento da CIA na criação de grupos de vigilância de extrema-direita e na intensificação das operações militares no interior do país é evidente, afirmou em Manila, Ramsey Clark, chefe da delegação norte-americana que visitou as Filipinas no final do mês passado.

As declarações de Clark, proferidas durante uma conferência de imprensa, confirmam as acusações das forças democráticas filipinas ao governo de Corazon Aquino de ter entregue à CIA a repressão das actividades dos guerrilheiros do Novo Exército do Povo.

Um mês depois das eleições gerais, o governo de Aquino continua a ser acusado à esquerda e à direita de fraude na contagem dos votos e a manifestar-se incapaz de pôr cobro às tentativas golpistas dos partidários do ex-ditador Ferdinando Marcos.

Mais preocupado em liquidar as forças guerrilheiras e em calar a oposição democrática legal, o governo filipino não hesitou em seguir as pisadas do anterior regime e pedir o reforço do auxílio norte-americano, confirmando a submissão à política do Pentágono. Uma política que no caso concreto se traduz pela aplicação da chamada tática dos «conflitos de baixa intensidade», expressão que designa operações repressivas levadas a cabo por «métodos não convencionais».

Com o objectivo de reduzir ao mínimo a intervenção militar directa (tanto americana como filipina), a CIA, a exemplo entre outras de idênticas missões no Vietname e na Nicarágua, recorre a grupos terroristas locais que treina, organiza e financia para levarem a cabo acções de repressão, intimidação e assassinatos.

De acordo com denúncias

recentes de democratas filipinos, «aterrorizar a população através de deportações, raptos, bombardeamentos, massacres e deslocamentos em massa de populações são métodos que fazem parte da estratégia dos conflitos de baixa intensidade». Nos últimos meses terão sido assim forçadas a abandonar as suas habitações mais de 500 000 pessoas, a fim de impedir o apoio às forças guerrilheiras.

Da estratégia faz parte também a impunidade concedida aos esquadrões da morte, que actuam de forma praticamente legal, invadindo as casas dos representantes das organizações democráticas e assassinando-os; nos últimos nove meses foram mortos deste modo quinze dirigentes sindicais.

Como afirmou em Manila o ex-procurador geral Ramsey Clark, há todas as razões para se estar preocupado «com este papel dos EUA», que poderá levar as Filipinas a uma situação de confronto social generalizado e, o que o Pentágono não exclui, a uma intervenção ainda mais directa das forças norte-americanas.

Particularmente interessada em manter as posições militares que detém na re-

gião, a Casa Branca não olha a meios para atingir os seus fins. Economicamente dependente do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial (onde prevalecem os interesses americanos) e politicamente submetido às estratégias imperialistas, o governo filipino está cada vez mais longe de implementar as prometidas medidas de justiça, liberdade e democracia que tornaram Aquino tão popular no país.

Enquanto a «caça aos guerrilheiros» e aos políticos democráticos prossegue por todo o país, as forças reaccionárias continuam a manifestar-se pelo regresso de Marcos, com tanta frequência e tão sem consequências que quase se é levado a pensar que o fantasma do ditador é conscientemente invocado para melhor «justificar» uma política cada vez mais antipopular. As campanhas de desinformação tornaram-se igualmente correntes, chegando ao ponto de cair no ridículo. É o caso da notícia recentemente publicada no vespertino «Midday» que se edita em Manila, segundo a qual o ministério da Defesa das Filipinas declara que combatentes da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, de El Salvador, teriam entrado no país para treinar em táticas urbanas os guerrilheiros do Novo Exército do Povo.

Prontamente desmentida pela FMLN, a notícia foi classificada como mais uma manobra de desinformação e diversão a que não é estranha a mão da Casa Branca, que assim visava simultaneamente dois alvos: Salvador e Filipinas. Dois alvos onde a luta pela democracia não desarma.

Líbano — greve geral

A maioria da população libanesa paralisou nos passados dias 2 e 3 cumprindo uma greve geral de luto e protesto pelo assassinato do primeiro-ministro Rachid Karamé, atribuído pelas principais organizações políticas do país às milícias falangistas que se autodesignam de «cristãs» maronitas.

O facto do presidente do Líbano, Amin Gemayel, ter ordenado a criação de uma comissão militar de inquérito às circunstâncias em que se verificou o atentado, não fez diminuir as tensões provocadas pelo acto de terrorismo, registado numa região controlada pelas forças falangistas. Pouco depois de conhecida a notícia do atentado explodiram quatro bombas no sector ocidental de Beirute,

Entretanto a agência noticiosa siria «SANA» acusou os «agentes de Israel e os inimigos do Líbano» de se-

rem responsáveis «por esta enorme tragédia», enquanto em Israel o primeiro-ministro Isaac Shamir comentava que «os assassínios fazem parte da realidade libanesa». O responsável sionista não se referiu à responsabilidade israelense na «realidade libanesa» nem ao apoio que presta justamente às forças falangistas.

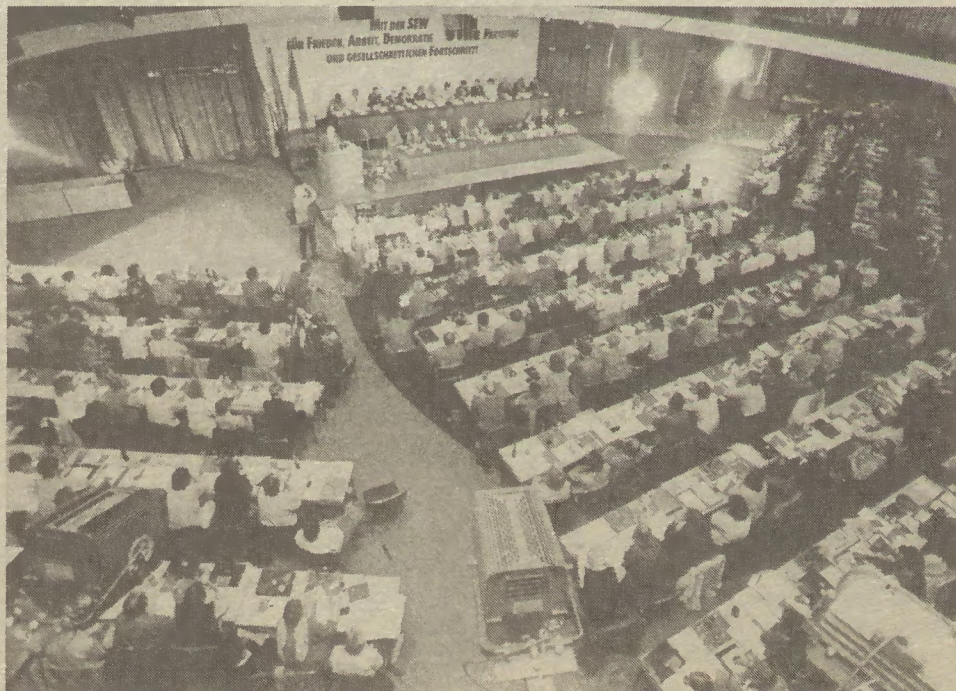
Firme opositor da realização duma conferência internacional sobre o Médio Oriente, Shamir não deixará de considerar esta nova machadada nas esperanças de unidade dos libaneses como mais um obstáculo às tentativas de regularização pacífica dos problemas da região, o que favorece as suas pretensões hegemónicas.

São conhecidas as posições israelenses na zona e a opção preferencial pelas medidas de força; a violação sistemática do território libanês a pretexto de atingir alvos palestinos, a ocupa-

ção de uma parte do sul do país como medida de «segurança» e a mais brutal repressão nos territórios árabes ocupados são exemplos que fizeram já demasiadas vítimas para que não sejam devidamente avaliadas nas suas verdadeiras proporções.

O enfraquecimento e divisão do Líbano só favorece a política sionista e agrava a situação na região. Ainda a semana passada o presidente do Comité da ONU para os direitos do Povo Palestino chamava a atenção da comunidade internacional para o agravamento da situação nos territórios árabes ocupados em consequência do recrudescimento da repressão dos palestinos por parte dos israelenses, sublinhando a importância do Conselho de Segurança se pronunciar positivamente pela convocação duma conferência internacional sobre o Médio Oriente.

Uma iniciativa que só pôde interessar ao Líbano.



PSU de Berlim Ocidental — a sala do Congresso

Comunistas de Berlim-Oeste reunidos em Congresso

«Com o PSU, paz, trabalho, democracia, progresso social», foi o lema do VIII Congresso do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste, que decorreu nesta cidade de 15 a 18 de Maio, com a participação de cerca de 450 delegados e a presença de 37 delegações estrangeiras.

O Partido Comunista Português esteve representado nos trabalhos pelo camarada Domingos Lopes, membro suplente do CC, com quem tivemos uma breve conversa sobre os trabalhos do Congresso e os mais prementes problemas com que se defronta a cidade de Berlim-Ocidental.

O representante do nosso Partido foi um de entre os dez que usou da palavra na tribuna, tendo-se registado também um encontro com o presidente do PSU de Berlim-Oeste, camarada Horst Schmitt.

Berlim, num momento crucial

As cidades de Berlim — a capital da RDA e Berlim-Oeste — comemoram este ano o seu 750.º aniversário. Aniversário que vem a ser utilizado pelas forças mais irrealistas do imperialismo, com evidentes intuítos provocatórios. Tenta-se reabrir a «questão alemã». Fala-se da Alemanha unificada — naturalmente no quadro do capitalismo e sob o controlo de Bona. Tenta-se recuperar Berlim-Oeste para o papel que inicialmente lhe foi atribuído: o de «cápsula nuclear» contra o socialismo, o de «montra» do capitalismo.

Outros são os tempos, entretanto. As «injecções» financeiras já não escondem a crise, enquanto simultaneamente a construção do socialismo na RDA mostra as vantagens do novo sistema. No plano político, os acordos quadripartidos de 1971 contribuíram para uma certa estabilidade, indispensável numa zona geográfica e histórica justamente considera-

da como ponto fulcral nas relações leste-oeste.

No Congresso do PSU sublinha-se que o «dossier Berlim» está encerrado. E a questão alemã também. Dois países. Dois sistemas. Uma cidade administrada de modo original, Berlim-Oeste.

Entretanto, mesmo em Portugal há quem se apegue a quaisquer possibilidades de acicatar tensões no centro político da Europa. Cavaço Silva, por exemplo, declara que «é preciso partir aquele muro»... O «amigo» americano deve ter telefonado a agradecer.

Situação de crise

Um pequeno envelope é destinado à caixa de correio de cada cidadão de Berlim-Oeste. Um envelope a enviar ao «burgomestre» da cidade, com o sim ou o não à lei que impõe a libertação das rendas de casa (e que levará a um brutal agravamento das condições de vida das famílias trabalhadoras — e mais ainda dos desempregados). Trata-se de um original referendo, apoiado no Congresso do PSU, com que se visa o boicote a uma medida profundamente antipopular, e em muitos casos mesmo com consequências dramáticas.

Este um breve mas significativo exemplo da degradação da situação socioeconómica da cidade, em flagrante

contraste com a situação de há 20 anos atrás.

Como problemas maiores, um espectacular agravamento do desemprego, que atinge os imigrantes — turcos, iranianos e iraquianos, palestinianos — de forma preferencial (mais de metade os jovens imigrantes estão no desemprego), e estimula a criação de um clima de histeria racista. O que torna particularmente significativa e uma marca de internacionalismo a presença muito forte de representantes da população imigrante no Congresso do PSU.

Ao desemprego há que somar outros graves problemas. 1/3 dos desempregados não recebe qualquer subsídio. É o próprio Senado que se vê constringido a institucionalizar a «sopa dos pobres». As conquistas sociais dos trabalhadores, são hoje seriamente atingidas.

Assiste-se, por outro lado, a preocupantes limitações das liberdades democráticas, em particular um sistema de fichas computadorizadas por cidadão, com multiplicidade de dados pessoais e políticos, registados com o próprio número do bilhete de identidade — é o «homem de vidro», prática profundamente perigosa e que constitui um ataque frontal aos mais elementares direitos do homem.

Factos intimamente interligados com as estreitas ligações e dependências dos monopólios de Berlim Ocidental em relação às multinacionais norte-americanas e a acentuada participação do capital monopolista da cidade na «guerra das estrelas» — como foi denunciado no Congresso.

O VIII Congresso do PSU será um importante estímulo à luta dos trabalhadores e da população de Berlim-Oeste pela defesa da paz e pelos interesses dos trabalhadores.

Internacional

Ministros africanos em missão diplomática em Lisboa

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe vão estar esta semana em Lisboa para apresentar às autoridades portuguesas a questão da inadmissibilidade da continuação da actividade de grupos antiangolanos e antimoçambicanos em território português.

A iniciativa, que prevê audiências com o Presidente da República e com o Primeiro-Ministro, foi decidida na VII Cimeira dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) recentemente efectuada em Maputo, onde se aprovou um programa de «ofensiva diplomática aos bandidos armados». Na ocasião os chefes de Estado dos cinco países exortaram o Governo português a expulsar do seu território os elementos da Unita e da Renamo.

Acabar com a ajuda externa aos bandos da Unita e da Renamo é o principal objectivo visado pelos Cinco, conscientes de que tal facto, bem como a independência da Namíbia e a liquidação do *apartheid* na África do Sul são condições indispensáveis para a paz no continente africano.

A iniciativa que traz os representantes dos PALOP a Lisboa é tanto mais importante quanto se sabe que tanto a África do Sul como os Estados Unidos estão a intensificar esforços para agudizar as tensões naqueles países.

Neste contexto salienta-se, designadamente, os planos da África do Sul para unificar os grupos armados que operam no Zimbabué, Zâmbia e Malawi com a Re-

namo e a recente decisão do Senado norte-americano de aplicar sanções aos Estados da Linha da Frente.

No que se refere à decisão norte-americana, que prevê a aplicação de sanções a Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabué no caso de estes países não renunciarem a apoiar os patriotas que lutam contra o *apartheid*, o mínimo que se pode dizer é que uma vez mais os EUA procuram fazer passar o agressor por agredido, ou seja, apresentar a África do Sul como vítima dos países da Linha da Frente como se fossem estes e não aquela quem promove a desestabilização regional.

Não se trata de uma decisão isolada, nem sequer inesperada, embora o mais elementar bom senso pudes-

se fazer esperar que, num momento em que toda a comunidade internacional reconhece o *apartheid* como causa dos graves problemas da África Austral, o imperialismo norte-americano fosse mais comedido nas suas tomadas de posição a favor do regime de minoria branca na África do Sul. Mas a verdade é que os EUA sempre se opuseram à tomada de medidas concretas para o efectivo isolamento da África do Sul e, de uma forma ou de outra, directa ou indirectamente, apoiaram os grupos da Unita e da Renamo.

A decisão de aplicar sanções aos países da Linha da Frente pelo apoio aos patriotas namibianos e sul-africanos não é mais do que o reforçar das teses de Pretória sobre o «direito» de atacar os estados vizinhos; o que, em última análise, contribui para a manutenção do racismo e do colonialismo sul-africanos internacionalmente condenados.

Uma oportunidade histórica

O facto da aprovação de sanções ocorrer quando se desenvolvem esforços para unificar os bandos terroristas não é propriamente ocasional. Sabe-se como os EUA têm vindo a tentar encontrar

alternativas às bases de apoio da Unita, exercendo todo o tipo de pressões sobre o Zaire para a reactivação de bases militares que dariam aos norte-americanos a possibilidade de aumentar a sua implantação militar em África; conhece-se a cobertura dada pela imprensa aos referidos bandos na evidente manobra de os apresentar com uma capacidade de intervenção e legitimidade que não possuem sem os apoios externos recebidos; não se ignoram as manobras de pressão sobre os jovens estados africanos, fazendo depender qualquer eventual ajuda económica de cedências políticas; sabe-se ainda que os racistas de Pretória apostam no suporte da Unita e da Renamo para impedir a estabilidade de Angola e Moçambique, estabilidade fundamental para a resolução dos problemas graves que afectam aqueles dois países.

Tudo junto, mais as inúmeras violações de território, ocupação armada, massacres de populações indefesas, destruição de alvos económicos e de infra-estruturas civis, ataques das tropas sul-africanas e dos grupos fanáticos, traduz-se numa situação explosiva na África Austral.

Conseguir que a maioria dos países ocidentais, e em particular Portugal, abandonem a posição dúbia que

têm mantido em relação ao continente africano (reconhecendo a legitimidade dos governos e simultaneamente consentindo actividades que os põem em causa) é uma necessidade imperiosa.

Pôr termo à presença, propaganda e audiência da Unita e da Renamo em Portugal, contrária à própria legislação portuguesa como um parecer da Procuradoria Geral da República em tempos fez notar, é o mínimo que se pode exigir de um país com tantas responsabilidades históricas e tão profundamente ligado aos PALOP como o nosso. Em jogo estão inclusive os próprios interesses nacionais, prejudicados pela política obscura dos sucessivos governos portugueses.

A iniciativa dos Cinco de enviar representantes a Portugal a fim de procurar afastar os obstáculos que têm impedido o desejável estreitamento de relações que tão frutuosas podem ser a todos os níveis, revela bem como os laços históricos, culturais e outros são valorizados pelos países africanos lusófonos. Nas mãos das autoridades portuguesas está a decisão de mudar de rumo, de alterar uma política seguidista e de submissão aos interesses nacionais, da solidariedade com os PALOP, da democracia e da paz. Uma oportunidade histórica, a não perder.

Independência da Namíbia exigida em Luanda

A ocupação ilegal da Namíbia pelo regime racista da África do Sul e a recusa deste em acatar as decisões da comunidade internacional sobre a independência daquele território constituem um dos mais sérios obstáculos à paz na África Austral. Reunido recentemente em Luanda, o Conselho das Nações Unidas para a Namíbia voltou a reconhecer esta realidade, reafirmando o direito inalienável do povo namibiano à independência e à preservação absoluta da sua integridade territorial, incluindo o porto de Walvis Bay e das ilhas situadas ao longo da costa namibiana. O documento aprovado na reunião do Conselho, apresentado como «Declaração de Luanda», exige a implementação imediata das resoluções 358/76 e 435/78 do Conselho de Segurança da ONU, reconhecidas como a única base internacionalmente aceite para a solução pacífica do problema da Namíbia.

Realizada numa altura em que a África do Sul se prepara para nova manobra de diversão, oficialmente anunciada, que visa a «concessão da independência unilateral» da Namíbia, a reunião de Luanda assume particular importância enquanto expressão da condenação internacional da política colonialista sul-africana.

Contrariando as iniciativas em curso na África do Sul — conversações de Pretória com o dito governo provisório namibiano instituído pelos racistas em Junho de 1985, não reconhecido por nenhum

outro país, para aprovação de um projecto de constituição — que não passam de tentativas de impor uma solução neocolonial à questão namibiana, a Declaração de Luanda volta a sublinhar a necessidade imperiosa de todos os países, organismos das Nações Unidas e outras organizações governamentais ou não, de intensificarem a sua ajuda política, diplomática e material à SWAPO, a favor do triunfo da luta do povo namibiano pela sua auto-determinação e independência.

O documento rejeita ainda

todas as tentativas, fomentadas pelos EUA e África do Sul, de condicionar a resolução do problema da Namíbia à presença das tropas cubanas em Angola, considerando-as como uma manobra que visa retardar a independência daquele território e uma ingerência flagrante nos assuntos internos da República Popular de Angola.

Das conclusões da reunião ressalta, por outro lado, a condenação da crescente militarização da Namíbia pelo regime sul-africano e o alerta à comunidade internacional sobre o perigo que representa a transformação da faixa de Caprivi num trampolim de agressão contra os países vizinhos independentes, de que o recente «raid» contra a cidade zambiana de Livingstone é exemplo.

O Conselho das Nações Unidas para a Namíbia condenou igualmente os ataques de Pretória aos países da Linha da Frente, bem como o apoio financeiro e militar dos EUA aos bandos armados da Unita, sublinhando que a desestabilização de Angola e a ocupação de uma parte do seu território pela África do Sul se inscrevem nos planos hegemónicos de Pretória



para manter a ocupação ilegal da Namíbia e intensificar a repressão sobre o seu povo.

Considerando que a adopção de sanções globais obrigatórias contra a África do Sul é o meio pacífico mais eficaz para levar o regime de Pretória a acatar as decisões da ONU sobre a Namíbia, a Declaração de Luanda exorta as potências ocidentais a pôr termo a toda a colaboração política, diplomática, militar,

económica, financeira e cultural com a racista África do Sul.

O Conselho condenou ainda a chamada política de «engajamento construtivo» dos EUA em relação à África do Sul, considerando que encoraja objectivamente o regime racista na sua oposição às decisões da comunidade internacional em relação à Namíbia e na prossecução da sua política de *apartheid*, que constitui um crime contra a humanidade.

ANO 29 - Nº 11 - 212 AGOSTO DE 1986 - Nº 1100

Proibido de todos os países: UNIVOX

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

«Em Peniche. O parlatório é uma estreita sala cortada ao meio por um balcão de cimento, tendo em cima uma chapa de vidro e uma rede de arame. Dum lado os presos, do outro as famílias. Atrás dos presos e das famílias dois guardas vigiam atentamente.

Como a conversa se anime entre os presos e os seus, um guarda intervém com modo grosseiro: "Mais devagar! Assim não oigo o que dizem!" Uns momentos de silêncio confrangido e as conversas recomeçam, agora em tom mais baixo. Mas é então a vez de outro guarda intervir: "A senhora fala tão baixo que não percebo o que diz. Explique-se melhor." Enervados, um dos presos e sua mãe acabam por se calar; mas nem assim escapam: "Então o senhor não fala?" — "Mas falar o quê, se não tenho nada para dizer?", responde o preso. "Tem que falar, se não cortor-lhe a visita; essas conversas com os olhos não me agradam."»

(...)

(«A visita dos presos» — «Avante!», VI série, n.º 318, Junho de 1962).

ANO 29 - Nº 11 - 212 AGOSTO DE 1986 - Nº 1100

Proibido de todos os países: UNIVOX

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

(...)

«Um chefe da PSP lamentou-se a amigos por ter sido incumbido, com mais outros, pelos seus superiores, da triste tarefa de fazer tiros para o ar nas manifestações, vestido à paisana e como manifestante, claro está.

O comandante da GNR de Almada afirmou que foi a PIDE quem, em Lisboa, disparou das janelas contra as forças da GNR e PSP.

São certamente estes os «arruaceiros comunistas» de que fala o ministro do Interior. (...)

Em Castanheira do Ribatejo o agrário fascista Palha Blanco, que presidia à mesa eleitoral, abria os votos e não metia nas urnas os que eram a favor do gen. H. Delgado. Como um oposicionista protestasse por diversas vezes, o agrário mandou chamar a GNR que, sob a ameaça de metralhadoras, afastou o povo.

O dr. Calheiros Lima, fascista de S. Mamede de Infesta, insultou as pessoas que procediam à colagem de propaganda do gen. H. Delgado. Custou-lhe a brincadeira terem-lhe esfregado a cara com a brocha da cola, o que o levou a fugir a sete pés, perseguido pela multidão.»

(...)

(«Factos e apontamentos» — «Avante!», VI série, n.º 256, primeira quinzena de Junho de 1958)

AVANTE!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

«A partir de 23 de Maio regressaram finalmente a Portugal, à sua pátria, as tropas que tinham sido enviadas para a Índia para defender o colonialismo e cujo repatriamento Salazar demorou o mais que pôde.

O povo queria recebê-los, queria mostrar-lhes o seu apoio e também a vontade de que não fossem agora mandados para Angola.

Por isso os barcos chegaram sem ser anunciados e bem de madrugada, ninguém sabendo onde se daria o desembarque. (...)

Depois, no transporte para as suas unidades, os soldados foram sempre afastados do contacto com o povo. Em Évora, por exemplo, quando chegou o comboio com os soldados, toda a estação estava ocupada pela PSP, que impediu a aproximação mesmo dos familiares.»

(...)

(«A chegada dos soldados» — «Avante!», VI série, n.º 318, Junho de 1962).

Agenda

Avante!

Ano 57 — Série VII
N.º 702

9 de Junho de 1987

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Álvaro Cunhal

Quarta 10

• Lisboa

14.30 — Encontro Nacional de Candidatos — Hotel Altis.

21.00 — Sessão de encerramento do Encontro Nacional de Candidatos no Coliseu.

Sexta 12

Distrito de Santarém

• Cartaxo

19.00 — Encontro com a população no Largo da Câmara.

• Torres Novas

21.30 — Comício de Apresentação de Candidatos, no Largo das Piscinas.

Sábado 13

Distrito de Castelo Branco

Encontros com as populações de:
Vila Velha de Ródão — 10.00 — Porto do Tejo.

Cebolais — 11.00 — Largo do Café do Álvaro.

Castelo Branco — 12.00 — Junto ao Posto de Turismo.

Alcains — 13.00 — Largo de St.º António.

Idanha-a-Nova — 14.00 — Almoço nos Bombeiros.

Fundão — 17.00 — Praça do Município/jardim.

Belmonte — 18.00 — Jardim.

Teixoso — 19.00 — Largo da Igreja.

Covilhã — 22.00 — Comício no Jardim.

Domingo 14

Distrito da Guarda

Encontros com as populações de:
Gonçalo — 09.00 — Largo dos Correios.

Manteigas — 10.00 — Valzedo.

Sabugueiro — 11.15 — Largo da Junta de Freguesia.

Seia — 12.00 — Praça da República.

Gouveia — 13.00 — Almoço/conívio na Escola Secundária.

Gouveia — 14.30 — Praça de S.º Pedro.

S.º Romão — 15.30 — Mercado.

Loriga — 16.30 — Largo de St.º António.

• Coimbra

21.30 — Largo do Romal.

Terça

• PORTO

Encontro, às 19.00, no STIEN/Calçado, com um candidato jovem.

• GAIA

Encontros, às 15.00 e 18.00 com candidato jovem na Escola Secundária.

• VIANA DO CASTELO

Projeção de vídeo, às 21.00, junto à Escola Secundária de St.ª Maria Maior.

• VALONGO

Sessão-debate «Portugal e a CEE — um ano de balanço», às 21.30, na Junta de Freguesia, com António Osório.

• SESIMBRA

Sessão de Rádio móvel e vídeo gigante.

• SINES

Visita dos candidatos CDU às Escolas Primárias e armazéns de pesca do concelho.

• BAIÕES (S. Pedro do Sul)

Porta-a-porta

• SANTIAGO (Viseu)

Festa da CDU, às 21.30

• SACAVÉM

Mini-comício, às 18.00, em Sacavém de Baixo, com Dias Lourenço.

• S. JOÃO DA TALHA

Sessão de esclarecimento, às 21.00, com Dias Lourenço.

• SINES

Visita de candidatos CDU ao serviço de Lotas, Gabinete da Área de Sines e Administração do Porto.

• SEIXAL

Sessão de rádio móvel e vídeo gigante.

• LAMEGO

Banca e distribuição de propaganda na feira.

• CINFÃES

Distribuição de propaganda na feira.

• S. JOÃO DA PESQUEIRA

Distribuição de propaganda na feira.

• TONDELA

Distribuição de propaganda na feira de Campo de Besteiros.

Sexta

Quarta

• LISBOA

Encontro Nacional de Candidatos, às 14.30, no Hotel Altis. Encerramento, às 21.00, no Coliseu, com intervenções de Álvaro Cunhal, Herberto Goulart, Maria Santos, Ângelo Veloso, Maria do Carmo Ramos, Rogério Moreira, Luísa Amorim e Inês Fontinha.

• ALMADA

Por iniciativa da Câmara Municipal de Almada e da Associação Portugal-Checoslováquia, está patente uma exposição de artesanato e fotografia. Hoje, às 21.30, na Oficina da Cultura sessão solene com a presença do embaixador e do presidente da Câmara. Sessão de rádio e vídeo gigante.

• MAIA

Encontro concelhio da CDU, às 15.00, na Escola Preparatória.

• AVELADA (Lousada)

Festa-conívio, às 15.00 no Carvalhal, com o Grupo «Malta do Rio» e intervenção política de João Fonseca.

• ALFENA (Valongo)

Reunião, às 15.30, de apoiantes da CDU.

• SUL (S. Pedro do Sul)

Convívio, às 16.00.

• ALVARELHOS/TRAVA

Porta-a-porta.

• VISEU

Plenário concelhio de militantes, às 15.00 no Centro de Trabalho.

• PORTO

Encontro, das 12.00 às 14.00, com um candidato jovem da CDU, na Escola Secundária Aurélio Sousa.

• LISBOA

Projeção de vídeo no Bairro da Boavista.

• VIANA DO CASTELO

Discoteca Juvenil às 16.00 na discoteca do Hotel Viana-Sol.

• ALCÁCER DO SAL

Jornada de propaganda no concelho.

• SESIMBRA

Debate sobre «Pesca artesanal e as consequências da adesão à CEE» com Joaquim Miranda.

• ALCOCHETE

Sessão de vídeo gigante e rádio móvel.

• BAIXA DA BANHEIRA/MOITA

Sessão, com Odete Santos.

• SETÚBAL

Encontro com candidatos CDU na sede distrital.

• SEIXAL

Jornada de propaganda nas empresas do concelho.

• RECAREI (Paredes)

Reunião, às 21.30 de apoiantes da CDU.

• PAREDES

Ação de propaganda, durante todo o dia na feira.

• GUIFÕES (Matosinhos)

Sessão, às 21.30, na Escola Passos Manuel.

• PORTO

«Venha tomar café com professores candidatos da CDU», um debate subordinado ao tema: «A escola que queremos no futuro em democracia», participação de Ana Maria Brito Jorge e António Osório.

Em Campanhã, na Cooperativa, Praça da Corujeira, encontro, CDU às 21.30, com a presença de Carlos Costa.

• S. PEDRO DO SUL

Porta-a-porta nas freguesias de Manhõce, Candal, Covas do Rio e S. Martinho.

• CASTRO D'AIRES

Distribuição de propaganda na feira da Parada.

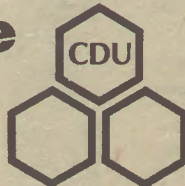
• CINFÃES

Distribuição de propaganda em Fonte Coberta e Souzelo. Porta-a-porta em Fontelo e Armamar.

• CARREGAL DO SAL

Distribuição de pro-

Grande Sessão
CDU



Encerramento do Encontro Nacional de Candidatos

ORADORES:

ÁLVARO CUNHAL
HERBERTO GOULART
MARIA SANTOS
ÂNGELO VELOSO
MARIA DO CARMO RAMOS
ROGÉRIO MOREIRA
LUIZA AMORIM
INÊS FONTINHA

10 de junho - 21h. • Coliseu • Lisboa

paganda na feira e porta-a-porta.

• VILDEMOINHOS

Festa-comício.

• CACÉM

Arraial popular no Largo de D. Maria, com Octávio Pato.

• OEIRAS

O camarada Dias Lourenço visita o concelho de Oeiras; 10.30, mini-comício no mercado de Algés; 11.30, mini-comício no mercado levante de Algés; 12.30, mini-comício na Portela; 13.30, almoço

no CT de Algés; 16.30, mini-comício na Sr.ª da Rocha; 18.00, mini-comício em Linda-a-Velha; 21.00, sessão na Associação 18 de Maio.

• FARO

Comício de apresentação de candidatos CDU, às 21.30 no Salão da Assembleia Distrital, estarão presentes: Carlos Brito, Luís Catarino, Carlos Luís Figueira, Virgílio Nereu, José Ribelinho e Margarida Tenggarrinha

Sábado

• CASCAIS

Jornada de esclarecimento durante todo o dia com a participação de Octávio Pato, da Comissão Política e do Secretariado do CC.

• LISBOA

Jornada de esclarecimento na Feira da Lã-dra, das 10.00 às 12.00, com Dias Lourenço, da Comissão Política do CC.

Vasco Gonçalves às 16.00 numa iniciativa popular em S. Domingos de Benfica.

Torneio de futebol de salão no Bairro Padre Cruz, organizado pela Juventude CDU local.

• ALCABIDECHES

Comício, às 21.30, no salão do Montepio, com intervenção de Octávio Pato.

• AMADORA

Discoteca da Juventude CDU no Cine Plaza a partir das 21.00

• ESTORIL

Festa da Juventude no ringue da Sociedade da Galiza. Intervenção de um candidato da CDU.

• MATOSINHOS

Jantar de apoiantes da CDU com a presença de candidatos. A partir das 19.30 na Casa da Aliança, R. do Godinho, 408.

Baile popular no Parque Basílio Teles, às 21.30. Intervenção de Carlos Costa.

• PAÇOS DE FERREIRA

Festa popular da CDU com a participação de candidatos. As 21.30.

• FREAMUNDE

Jornada de propaganda com distribuição de documentos na feira anual de Santo António. Participam candidatos da CDU.

• PORTO

Durante a tarde e a noite, Festa CDU no Jardim do Calém organizada pelas comissões CDU de Lordelo do Ouro e Foz.

• SESIMBRA

Rádio móvel e vídeo gigante.

• PINHAL NOVO

«A agricultura e as consequências da adesão à CEE» — debate com Joaquim Miranda.

• SANTIAGO DO CACÉM

No Arealão, sessão de esclarecimento com Odete Santos.

• SINES

Discoteca CDU no Salão do Povo.

• SEIXAL

Em Palo Pires, convívio de mulheres com a participação de Apolónia Teixeira.



SCHRADER, Karl — RDA in «Das dicke Schrader Buch» Editado por Eulenspiegel Verlag, Berlin 1984

Agenda

* Uma iniciativa da Comissão do PCP para as Questões da CEE e do Grupo Comunista e Afins do Parlamento Europeu

Seminário sobre a CEE, o Acto Único e a Soberania Nacional

14 de Junho de 1987
Lisboa - NOVOTEL - Av. José Malhoa

Em Corroios, convívio CDU.

• **MONTIJO**
«A agricultura e as consequências da adesão à CEE» — debate com Joaquim Miranda em Santi Isidro de Pegões.

• **ARMAMAR**
Festa CDU, com baile.

• **NELAS**
Porta-a-porta.

• **WISEU**
Jornada de propaganda.

• **OLIVEIRA DO CONDE**
Porta-a-porta.

• **LAMEGO**
Na Avenida, banca e vídeo CDU.

• **CINFÃES**
Mini-comícios em Souzelo e Feira.

• **MAIA**
Das 13.00 às 15.00, encontro com um candidato jovem da CDU na escola secundária de Águas Santas.

• **GAIA**
Festa CDU no Jardim do Morro com a presença de Carlos Costa. As 21.30.

• **AZEITÃO**
Plenário de militantes do PCP para discussão do trabalho eleitoral. A partir das 14.30, na Casa do Povo.

• **VILA VIÇOSA**
Festa Cravos de Abril, iniciativa da Comissão Distrital de Évora do PCP. Hoje e amanhã, na mata, com actividades desportivas e culturais e uma intervenção sobre a situação política no domingo às 19.00.

localidades: 11.00, mini-comício, em Mosca; 12.00, S. João da Talha; 16.00, mini-comício na Portela; 17.30, Periscope, mini-comício; Camarate, jantar-convívio; às 21.30, sessão no Águias, em Camarate.

• **PORTO**
Piquenique, durante todo o dia, no Parque da Cidade (à Circunvalação), com a presença de candidatos da CDU.

• **SEBOLIDO** (Penafiel)
As 15.30, Festa Popular da CDU.

• **OLHÃO**
Comício de apresentação de candidatos, às 21.30, na Escola Secundária.

• **PINHAL NOVO**
Debate sobre a CEE com Manuel Guerreiro.

• **PALMELA**
Sessão de rádio móvel e vídeo gigante.

• **SETÚBAL**
Debate sobre «As Mulheres e a CEE», no hotel Esperança.

• **SEIXAL**
Convívio CDU dos trabalhadores da Siderurgia Nacional, com Jorge Silva.

• **S. PEDRO DO SUL**
Porta-a-porta em: Santa Cruz, Serrazes, Bordenhos, convívio-festa em Souteiro.

• **LAMEGO**
As 14.30, almoço-convívio da CDU.

• **S. JOÃO DA PESQUEIRA**
As 17.00, festa-convívio.

• **VILDEMOINHOS** (Viseu)
Reunião plenária dos militantes do PCP.

Domingo, 1 Segunda, 1

• **LISBOA**
Seminário sobre a CEE, o Acto Único e a Soberania Nacional. Inicialmente da Comissão do PCP para as questões da CEE e do Grupo Comunista e Afins do Parlamento Europeu.

• **VILA FRANCA DE XIRA**
O camarada Octávio Pato, percorrerá o concelho, durante todo o dia, encerrando com um comício em Alhandra, às 21.30.

• **MOSCAVIDE**
O camarada Dias Lourenço, visitará, durante o dia as seguintes

• **MONTIJO**
Sessão de rádio móvel e vídeo gigante.

• **SINES**
Visita de candidatos CDU a Porto Covo.

• **Terça, 16**

• **ALCÁÇER DO SAL**
Sessão de rádio móvel e vídeo gigante.

• **SINES**
Visita de candidatos CDU à Escola Preparatória.

• **PONTINHA**
Sessão de esclarecimento, às 21.30, com Vasco Gonçalves.

FESTA DISTRITAL DO P.C.P. Cravos de Abril

13 e 14 de Junho-87 NA MATA DE VILA VIÇOSA

TV O Programa

Quinta

RTP1

10.00 — Às Dez
12.15 — Telenovela: «Cambalacho», 112.º epis.
13.00 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório
18.00 — Sumário
18.05 — Brinca Brincando
18.50 — Concurso «Show Bis»
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.05 — Boletim Meteorológico
20.15 — Telenovela: «Palavras Cruzadas», 108.º epis.
20.55 — Série: «ALF — Uma Coisa do Outro Mundo»
21.25 — Face a Face
22.05 — Série: «Primeiro Entre Iguais»
23.05 — 24 Horas
23.35 — Remate

RTP2

14.15 — Telenovela: «Os Imigrantes», 17.º epis.
15.00 — Agora, Escolha!
16.30 — Notícias
16.35 — Trinta Minutos Com...
17.05 — Countdown
18.00 — Estádio
19.00 — Simon Show
20.05 — Série: «Hitchcock Apresenta...»
20.30 — Série: «Uma Família às Direitas»
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Série: «O Tempo e o Vento»
22.15 — Série: «Soldados»

Sexta

RTP1

10.00 — Às Dez
12.15 — Telenovela: «Cambalacho»
13.00 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório
18.00 — Sumário
18.05 — Brinca Brincando
18.50 — Concurso: «Show Bis»
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.05 — Boletim Meteorológico
20.15 — Telenovela: «Palavras Cruzadas»
20.50 — A Arte de Bem Cozinhar
21.10 — Noite de Gala
22.55 — O Programa das Festas
00.10 — Remate
00.20 — Pela Noite Dentro: «O Homem a Quem Chamaram Cavalo»

RTP2

14.15 — Telenovela: «Os Imigrantes»

15.00 — Agora, Escolha!
16.30 — Notícias
16.35 — Trinta Minutos Com...
Batista Bastos
17.05 — Countdown
18.00 — Estádio
19.00 — Simon Show
20.05 — Série: «Hitchcock Apresenta...»
20.30 — Série: «Uma Família às Direitas»
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Série: «O Optimista»
22.00 — Troféu
22.30 — Série: «O Soldado Schulz»

Sábado

RTP1

09.00 — Juventude e Família
10.10 — Série: «He Man»
10.35 — Série: «David o Gnome»
11.00 — Série: «Os Amigos do Tejo»
11.25 — Outros Mundos
11.55 — Série: «O Tempo e o Vento»
12.35 — Documentário
13.00 — Jornal de Sábado
13.10 — Luky Luke
13.35 — Série: «As Vagas do Tempo»
14.05 — Superintinta
14.50 — Série: «O Mar e a Terra»
15.25 — Concurso: «A Quinta do Dois»
18.10 — Série: «O Ano das Bestinhas»
18.35 — Série: «V — A Batalha Final»
19.45 — Totoloto
20.00 — Jornal de Sábado
20.55 — Boletim Meteorológico
21.00 — 7 Folhas
21.45 — Já Está
23.30 — Série: «Hill Street»
00.30 — Cinema da Mela Noite: «Raquel, Raquel»

RTP2

09.00 — Compacto Countdown
13.00 — Compacto Cambalacho
16.00 — Troféu
20.00 — Série: «Quem Sai aos Seus...»
20.25 — Série: «O Século Americano»
21.15 — RTP/Ano 30
22.50 — Troféu

Domingo

RTP1

09.00 — Juventude e Família
10.05 — TV Mulher
11.00 — Terra Santa Maria
11.15 — Missa
12.05 — 70x7
12.30 — TV Rural
13.00 — Jornal de Domingo
13.10 — Série: «Portugal de Faca e Garfo»
13.35 — Série: «Os Roberts»



Pela noite dentro — «Escravos do Vício»

14.05 — Arco Iris
15.05 — Primeira Matinée: «Polícia e Ladrão»
16.50 — Clube Amigos Disney
18.55 — Série: «O Justiciero»
20.00 — Jornal de Domingo
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Série: «Portugal, Passado e Presente»
21.15 — Série: «A Orquestra»
21.45 — Série: «Dallas»
22.40 — Domingo Desportivo

RTP2

09.00 — Music Box
10.00 — Troféu
12.30 — Caminhos
12.55 — Novos Horizontes
13.15 — Fantasia e Realidade
13.45 — Documentário
14.20 — Série: «Destino Aventura»
15.10 — Série: «Festas e Romarias de Portugal»
15.35 — Entre Barreiras
16.05 — Série: «Bulman»
17.00 — Troféu
20.00 — Concorde ou Talvez Não
21.30 — Cine-Clube: «Ladrão de Alcova»
23.00 — Top Vídeo

Segunda

RTP1

10.00 — Às Dez
12.15 — Telenovela: «Cambalacho»
13.00 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório
18.00 — Sumário
18.05 — Brinca Brincando
18.50 — Concurso: «Par ou Ímpar»
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.05 — Boletim Meteorológico
20.10 — Telenovela: «Palavras Cruzadas»
20.50 — Gala Nova Gente
23.00 — 24 Horas
23.30 — Remate.

RTP2

14.15 — Telenovela: «Os Imigrantes»
15.00 — Agora, Escolha!
16.30 — Notícias
16.35 — Trinta Minutos Com...
17.05 — Countdown
18.00 — Estádio
19.00 — Simon Show
20.05 — Série: «Hitchcock Apresenta...»
20.30 — Série: «Uma Família às Direitas»
21.00 — Jornal das Nove
21.35 — Lady Winder
23.35 — Não faças cenas.

Terça

RTP1

10.00 — Às Dez
12.15 — Telenovela: «Cambalacho»
13.00 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório
18.00 — Sumário
18.05 — Brinca Brincando
18.50 — Par ou Ímpar
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.05 — Boletim Meteorológico
20.10 — Telenovela: «Palavras Cruzadas»
20.50 — Primeira Página
21.50 — Série: «Detective Americano»
22.50 — 24 Horas
23.20 — Remate.

RTP2

14.15 — Telenovela: «Os Imigrantes»
15.00 — Agora, Escolha!
16.30 — Notícias
16.35 — Trinta Minutos Com...
17.05 — Countdown
18.00 — Estádio
19.00 — Simon Show
20.05 — Série: «Hitchcock Apresenta...»
20.30 — Série: «Uma Família às Direitas»
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Cinemadós: «Jaguar».

Teatro O Cartaz

LISBOA

1.º Acto, Palácio Anjos. Humilhados e Ofendidos, baseado no romance de Dostoiévsky, enc. de Armando Caldas. Sexta e sábado, às 21 e 30.

A Barraca, Rua Alexandre Herculano, 70. De 3.ª a dom. às 21.30. O Diablinho da Mão Furada, de António José da Silva, enc. de Helder Costa.

Casa da Comédia, rua S. Francisco Borge, 24. De 3.ª a dom. às 21.30. Electra ou a Queda das Máscaras, de Marguerite Yourcenar, enc. de Filipe La Féria.

Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide. Almada. O Filhinho da Enfermeira João, de Franck Marcus, enc.

de Artur Ramos.

Grupo de Teatro da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul — Av. D. Carlos I, 61-1.º. Morte no Bairro, de Alfonso Sastre, enc. de Hermínio Fernandes. Sábado, às 21.30 e domingo às 16.00.

Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras. De 3.ª a sáb., 20.30 e 22.45; dom., 16.00, 20.30 e 22.45. Escrita em Dia, nova versão de Isto é Maria Vitória, de H. Santana, Nicholson, Brachina, M. Zambujal, enc. Ivone Silva.

Sala Experimental D. Maria, Rossio. Uma Noite em Chelo, de Stephen Poliakoff, enc. de João d'Ávila. De 3.ª a sáb., às 21.45, dom., às 16.30.

Teatro da Graça,

pelo Grupo Teatro Hoje, junto à Voz do Operário. De 3.ª a sáb., às 21.00, dom. às 16.00. O País do Dragão, de Tennessee Williams, enc. de Carlos Fernando. Estreia dia 25/4 às 21.00.

Teatro Ibérico, Convento de Xabregas, R. Xabregas, 54. Todos os dias às 11.00. Quem Tem Farellos e O Pranto de Maria Parda, de Gil Vicente, criação colectiva com coordenação cénica de Blanco-Gil.

Teatro Laura Alves, Rua da Palma, 251. Diariamente às 20.30 e 22.45; dom. às 16.00. Cá Estão Eles!, de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro do Triângulo, rua da Cintura do Porto de Lisboa. De 3.ª a sáb., às 21.30,

dom. às 17.00. O Fisco Prodigioso de Jorge de Sena, enc. André Nuno.

Variedades, Parque Mayer. De 3.ª a dom., às 21.30; dom., às 16.00. O Choupo — Liberdade ou Morte!, baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e enc. de Henrique Santana.

PORTO

Teatro, Rua do Heroísmo, 86. 5.ª e 6.ª às 21.30; sáb. e dom. às 16.30 e 21.30. Merope — Liberdade ou Morte!, baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e enc. de Castro Guedes.

Teatro Campo Alegre, R. do Campo Alegre, 3.ª a sáb., 21.45; dom., 16.00 e 21.45. O Motim, de Miguel Franco, enc. de Nor-

berto Barroca, mús. de Paulino Garcia, intérp. António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha.

Teatro os Modestos, Rua Gonçalo Cristóvão, 190. A Noite da Senhora Luciana, de Copi, enc. de Fernanda Lapa. De 3.ª a sáb., às 21 e 30, dom., às 18.00.

Teatro Universitário, Rua Jorge Viterbo Ferreira, 120. Leoncio e Lena, de G. Buchner, enc. de António Capelo. Sexta e sáb., às 21 e 30, dom., às 17.00.

ESTORIL

Teatro Mirita Casimiro, Av. Fausto de Figueiredo. De 5.ª a sáb., 21.30, sáb. e dom., 16.00 e 21.45. O Motim, de Miguel Franco, enc. de Nor-

berto Barroca, mús. de Paulino Garcia, intérp. António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha.

Para Crianças • LISBOA
Comuna, Praça de Espanha. Viagem, de Sophia de Mello Breyner, adaptação e enc. de João Brites pelo Teatro «O Bando». Sábado e dom. às 15.00.

TIL — Teatro Infantil de Lisboa, R. Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário). Sáb., dom. e feriados, às 15.30. O Choupo Andarilho, de Ferreira Caetano, enc. Kim Cachopo. As 17.30, sáb., dom. e feriados «O Avestruz Mecânico», histórias de José Lemos.

Teatro de Animação Os Papa-Léguas, na Junta de Freguesia de Carnide. Aqui Há Mistério. Sábado e dom., às 11.00.

Cinema

A selecção

Exposições

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	A Cor do Dinheiro	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
B	Duma Vez por Todas	★	★★	★★	★★	—
C	Homens a Queima Roupas	★★★	—	★★	—	—
D	A Manhã Seguinte	★★★	—	★★★	—	—
E	O Meu Caso	★	★★	★★	★★	—
F	Platoon - Os Bravos do Pelotão	★★★★★	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★★
G	Repórter X	—	—	★	★	—
H	Salvador	★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★★
I	Sem Perdão	★★	—	★★★	—	—

- A** — Real. Martin Scorsese — Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa.
B — Real. Joaquim Leitão — Star (15.00, 18.15, 21.30) — Lisboa.
C — Real. James Foley — Fonte Nova/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
D — Real. Sidney Lumet — Mundial/2 (14.00, 16.30, 19.00, 21.15) — Lisboa.
E — Real. Manoel de Oliveira — Quarteto/1 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa.
F — Real. Oliver Stone — Hollywood/1 (14.15, 16.30, 19.00, 21.30, 23.45) — Lisboa.
G — Real. José Nascimento — Estúdio 444 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30), Quarteto/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
H — Real. Oliver Stone — Alfa/3 (14.30, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Amoreiras/3 (13.45, 16.15, 18.45, 21.30, 24.00), Quarteto/4 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
I — Real. Richard Pearce — Cityline (14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45) — Lisboa.

...e ainda

Música, debates, etc.



Música

Lisboa
Teatro S. Carlos, Largo de S. Carlos, 11, telef. 36 84 08. «Norma», ópera em 2 actos de Vincenzo Bellini. Direcção musical de John Neschling, encenação de Paolo Trevisi e cenografia de Ferruccio Villagrossi. O elenco é constituído por Mara Zampieri, Walter Donati, Luciana d'Intino, Radoslaw Zukowski, Palmira Viegas e Armando Guerreiro. Participação do Coro e Orquestra do Teatro S. Carlos. Nos dias 11 e 17 às 20.30 e 14 às 16.00. Também hoje, dia 9, e no dia 15, às 17.00, com entrada gratuita para os jovens até 18 anos.

Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt, telef. 73 43 09. Às 13.00 «Concertos à hora do almoço», com entrada livre: quinta, dia 11, concerto por Irene Lima, violoncelo, e João Paulo Santos, piano; terça, 16, recital de canto por António Wagner Dinis acompanhado ao piano por José Bon de Sousa. Também em Lisboa mas na Aula Magna, recital de piano por Madalena Soveral no dia 10 às 21.30. Obras de Schönberg, Haydn, Emanuel Nunes e Beethoven.

Festival Internacional de Música do Algarve: Hoje, dia 9, às 21.30, na Igreja do Carmo de Tavira, concerto sinfónico pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Michel Tabachnik. Obras de Lopes-Graça e Schubert.

Em Portimão, dia 10, 21.30, Orquestra Gulbenkian, maestro Michel Tabachnik, obras de Marcos Portugal e Beethoven.

Em Silves, na Sé, dia 11, às 21.30: a Orquestra Gulbenkian com o mesmo programa.

Em Albufeira, na Igreja Matriz, dia 12, 21.30: concerto de música de câmara pelo Quarteto de Cordas de Lisboa. Obras de Schubert, Chostakovitch, Borodin.

Em Faro, no Teatro Lethes, dia 13, 21.30: recital de piano por Vesselin Stanev, que interpretará obras de Beethoven, Rachmaninoff, Chopin e Ravel.

nico pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Michel Tabachnik. Obras de Lopes-Graça e Schubert.

Em Portimão, dia 10, 21.30, Orquestra Gulbenkian, maestro Michel Tabachnik, obras de Marcos Portugal e Beethoven.

Em Silves, na Sé, dia 11, às 21.30: a Orquestra Gulbenkian com o mesmo programa.

Em Albufeira, na Igreja Matriz, dia 12, 21.30: concerto de música de câmara pelo Quarteto de Cordas de Lisboa. Obras de Schubert, Chostakovitch, Borodin.

Em Faro, no Teatro Lethes, dia 13, 21.30: recital de piano por Vesselin Stanev, que interpretará obras de Beethoven, Rachmaninoff, Chopin e Ravel.

Bailado

No Teatro Nacional de S. Carlos, em estreia, a Companhia Nacional de Bailado apresenta *La Bayadère*, coreografia de Petipa, música de Ludwig Minkus, *Fado-A Severa* (Fernando Lima/Jaime Silva Pinto), *Double Colchea* (Vicente Nebrada/Benjamin Britten). Esta semana nos dias 12 e 16 às 21.30 e no dia 14 às 18.00.

No Instituto Franco-Português, Av. Luís

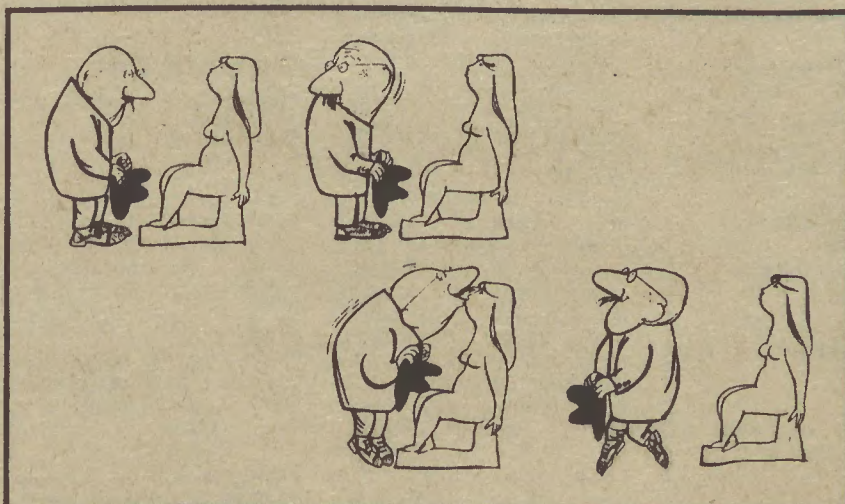
Bivar, 91, telef. 54 45 74. Dias 9 às 21.30 e 10 às 17.00: *Claudel - La Dance*, criação coreográfica a partir de três mimodramas de Paul Claudel: «L'homme et son désir» (música de Darius Milhaud), «La femme et son ombre» (música de Paulo Brandão) e «Le peuple des hommes cassés» (música de Paulo Brandão). Coreografias de Leonor Beltran.

de Portuguesa de Autores, Av. Duque de Loulé.

Ciclo «Juventude Inquieta», no Forum Picoas: hoje e amanhã, *West Side Story*, de Robert Wise; dias 12 e 13, *Angústia de Viver*, de Dennis Hopper; dias 13 e 14, *A Estrada de Fogo*, de Walter Hill; dia 15, *Estilhaços*, de Susan Seidelman. Sessões às 19.00 e 22.00, e aos sábados, domingos e feriados

também às 16.00.

Ciclo Glauber Rocha (Brasil): hoje, às 18.30, na Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, *Antônio das Mortes* ou *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* (1969); na Cinemateca, R. Barata Salgueiro, 39: *História do Brasil* (1974) — dia 11 às 18.30; *Claro* (1975) — dia 12 às 18.30; *A Idade da Terra* (1978) — dia 13 às 21.30.



Cinema

Na sessão do ABC Cine-Clube de Lisboa desta semana, *Manon de H.-G. Clouzot* (1949), a dar início ao ciclo «Cinema Francês/1945-1955». Hoje, às 18.30, na Socieda-

de Portuguesa de Autores, Av. Duque de Loulé.

Ciclo «Juventude Inquieta», no Forum Picoas: hoje e amanhã, *West Side Story*, de Robert Wise; dias 12 e 13, *Angústia de Viver*, de Dennis Hopper; dias 13 e 14, *A Estrada de Fogo*, de Walter Hill; dia 15, *Estilhaços*, de Susan Seidelman. Sessões às 19.00 e 22.00, e aos sábados, domingos e feriados

FITEI

Espanha, Brasil e Venezuela. Na sexta-feira, às 24.00, um grupo de danças tradicionais de Angola apresentará-se no Jardim Soares dos Reis.

Fernanda Fragateiro — Escultura. Gal. A Monumental, Campo Mártires da Pátria, 101. De 3.ª a dom. das 15.00 às 20.00 (até 15/6).

Francisco Gingelra — Pintura. Galeria Olharte, Calc. do Cardal, 18. De 3.ª a dom. das 16.00 às 20.00 (até 20/6).

Grça Costa Cabral — Escultura. Galeria Quadrum, R. Alberto de Oliveira, 52 (Coruchéus). De 2.ª a 6.ª das 10.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00, sáb. das 15.00 às 19.00 (até 15/6).

H. Mourão — Pintura. Galeria Paulino Ferreira, Rua Nova da Trindade, 18-B. De 2.ª a 6.ª, das 9.00 às 12.30 e das 14.30 às 19.00, sáb. das 9.00 às 13.00.

• LISBOA

Ana Fernandes — Jóias. Galeria de Exposições da Fundação Gulbenkian.

Alberto de Lacerda — «O Mundo de um Poeta», pintura. Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian, R. dr. Nicolau Bettencourt. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Albert Rouiller — Escultura e desenho. Gal. A Monumental, Campo Mártires da Pátria, 101. De 3.ª a dom. das 15.00 às 20.00 (até 15/6).

Arpad Szenes — Pintura. Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian, R. Nicolau Bettencourt. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Artur Bual — Pintura. Gal. de S. Bento, R. do Machadinho, 1. De 3.ª a sáb. das 11.00 às 20.00, 2.ª das 15.00 às 20.00 (até 20/6).

Clementina Carneiro de Moura — «Patchwork». Espaço Maria

Lamas, Av. Duque de Loulé, 111-4.º.

Colectiva — Escultura e Pintura. «O Corredor». Av. Miguel Bombarda, 133-A (até 4/7).

Colectiva — Fotografia de Alfredo Cunha, Luís Vasconcelos e Sérgio Eloy. Galeria 111, Campo Grande, 113. De 2.ª a 6.ª das 10.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00, sáb. das 10.00 às 13.00 (até 26/6).

Colectiva — Fotografia «Portugal e o Ambiente». Forum Picoas, Av. Fontes Pereira de Melo, 38. Diariamente das 09.00 às 24.00 (até 21/6).

Colectiva — Pintura e escultura. Espaço 2062, Centro Comercial das Amoreiras, loja 2102. Diariamente das 10.00 às 23.00.

Conceição Silva — Arquitectura-retrospectiva, documental. Soc. Nac. de Belas Artes, R. Barata Salgueiro, 36. Das 14.00 às 20.00.

Eduardo Nery — Pintura, colagens, fotografia. Gal. de Exposições Temporárias da Gulbenkian, R. dr. Nicolau Bettencourt. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Escultura e Cerâmica da Grécia Antiga — (séc. IV a.C.). Forum Picoas, Av. António Augusto de Aguiar.

Exposição de Livros Científicos e Técnicos da URSS. Interlivro, Rua Pedro Nunes, 9-A. De 2.ª a 6.ª das 14.00 às 19.00, sáb. das 09.00 às 13.00 (até 30/6).

Exposição da Primavera — Multiface, CC Gemini, loja 65, Rua Sousa Lopes (até meados de Junho).

IV Exposição Nacional de Gravura — Galeria das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Fala Miriam — Pintura. Gal. Ana Isabel, R. da Emenda, 111, 1.º. De 2.ª a sáb. das 14.00 às 19.00 (até 27/6).

Museu dos Correios e Telecomunicações. Galeria Trindade, Largo da Trindade, 16-2.º.

Índios da Amazônia — Museu de Etnologia, Av. Ilha da Madeira, ao Restelo, 3.ª a dom. 10.00 às 12.30 e 14.00 às 17.00 (até final do ano).

Os Instrumentos Musicais e as Viagens dos Portugueses — Museu de Etnologia, Av. Ilha da Madeira (Restelo).

João Jacinto — Pintura. Galeria Módulo, Av. António Augusto de Aguiar, 56, 5.º Dt.º. De 2.ª a sáb. das 15.00 às 20.00 (até 30/6).

Jorge Pinheiro — Pintura. Gal. de Exposições Temporárias da Gulbenkian, R. dr. Nicolau Bettencourt. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Jorge Utra Machado — Escultura. Galeria Artemixta, R. de S. Domingos à Lapa, 6.

José António Cardoso — Pintura. Galeria Monumental, Campo Mártires da Pátria, 101. De 3.ª a dom. das 15.00 às 20.00 (até 15/6).

José Manuel Soares/Ángela Vimonte — Pintura. Galeria da Cervejaria Trindade, Rua Nova da Trindade, 20-C. Diariamente das 15.00 às 23.00.

Júlio Quaresma — Pintura. Ruínas do Convento do Carmo, Largo do Carmo.

Laura Cesana — Pintura. Soc. Nac. de Belas Artes, R. Barata Salgueiro, 36. De 3.ª a dom. das 14.00 às 20.00 (até 14/6).

Manuel Nascimento Guimarães — Fotografia. Centro de Arte Moderna, Rua dr. Nicolau Bettencourt. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Mário Botas — Aquarelas e desenhos a tinta-da-china. Espaço Alliance, Rua Bramcamp, 13, 1.º. De 2.ª a 6.ª das 10.00 às 13.00 e das 14.00 às 19.30.

Mário Castanhela — Cerâmica. Museu Nacional do Azulejo, Convento da Madre de Deus. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Noémia Cruz — Escultura. Gal. de S. Francisco, R. Ivens, 40. De 2.ª a 6.ª das 10.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00, sáb. das 10.00 às 13.00 (até 12/6).

Patrick Procktor — Pintura e serigrafia. IAM Galeria, R. da Misericórdia, 92, 1.º (até 30/6).

Sena da Silva — Fotografia. Galeria Ether, Rua Rodrigo da Fonseca, 25. De 3.ª a sáb. das 15.00 às 20.00 (até 19/6).

Sérgio Pombo — Pintura. Gal. de Exposições Temporárias da Gulbenkian, R. dr. Nicolau Bettencourt. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00.

Teresa Barbieri — Entre Telas, Rua da Imprensa Nacional. De 2.ª a 6.ª das 17.00 às 02.00, sáb. das 22.00 às 02.00 (até 13/6).

Teresa Segurado Pávão — «Objectos Têxteis». Museu Nacional do Traje, Parque do Monteiro Mor (ao Lumiar).

Tomás da Fonseca — Bibliotecas. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª das 10.00 às 20.00, sáb. das 10.00 às 17.00 (até 12/6).

Vieira da Silva e Arpad Szenes — Pintura. Galeria de Arte da Livraria Bertrand, Chiado (até 11/6).

Vitor Pomar — Pintura. Gal. EMI-Valentim

de Carvalho, R. da Cruz dos Poiais, 111 (até 29/6).

Wolf Vostell — Litografias e serigrafias. Galeria Diferença, Rua de S. Filipe Néri, 42. De 3.ª a 6.ª das 15.00 às 20.00, sáb. e dom. das 16.00 às 19.00 (até 14/6).

• PORTO

Arte Medieval — Peças de escultura, arte do metal e mobiliário, nacional e estrangeiro dos séculos XII e XV. Casa Museu Guerra Junqueiro, Rua D. Hugo, 32. De 3.ª a sáb. das 10.00 às 12.30 e das 14.00 às 17.30 (até 31/7).

Miguel Yocco — Pintura. Cooperativa Arvore, R. Azevedo de Albuquerque, 1 (até 16/6).

Pedro Rocha — Pintura. Galeria Nasoni, R. Galeria de Paris. De 3.ª a 6.ª das 10.00 às 12.30 e das 15.30 às 19.00, sáb. e dom. das 15.30 às 19.00 (até 15/6).

Rui Pimentel — Pintura. Galeria EG, Caminho da Fonte de Cima. De 3.ª a sáb. das 15.00 às 20.00.

Sobral Centeno — Pintura. Cooperativa Anore, R. Azevedo de Albuquerque, 1 (até 16/6).

• OUTRAS LOCALIDADES

«Fabrico da Cerâmica» — Museu Nacional da Ciência e Técnica, Rua da Ilha (junto à Sé Velha) — COIMBRA.

Ana Branca — Pintura. Até 15/6, Museu Principal — ELVAS.

Júlio Pomar — Desenho. Galeria Gilde, Quinta do Gilde, S. Torcato. De 3.ª a dom. das 15.00 às 19.00 — GUIMARÃES.

«O Teatro Vive» — Museu Municipal (até 30/6) — LOURES.

Falanges das Caldas — Galeria Municipal. (até 14/6) — MONTIJO.

António Viana — Pintura. Até 28/6, Pousada do Castelo — PALMELA.

Exposição Venda do livro sobre a Resistência Antifascista — antes e depois do 25 de Abril — PENICHE.

«William Beckford em Portugal 1787/1794/1798» — Bibliográfica e iconográfica sobre Portugal o séc. XVIII. Palácio de Queluz — QUELUZ.

Município do Seixal em Exposição — Permanente, no núcleo sede do Ecomuseu Municipal do Seixal — TORRE DA MARINHA.

Carla Marcelino — Aquarelas. Salão do Arquivo Municipal, Rua Reynaldo dos Santos, 18 — VILA FRANCA DE XIRA.

Lima de Freitas — Pintura. Galeria D'Arte — VILAMOURA.

«A Dança vista pelas crianças» — Até 21/6, Solar dos Castros — VILA NOVA DE CERVEIRA.

«Camões e a Sua Obra» — Exposição bibliográfica, iconográfica e medalhística. Sala do Arquivo Municipal — VILA FRANCA DE XIRA.

Fotografia Contemporânea Mundial — Centro Cultural Regional, Rua Tenente Manuel Maria Bessa Monteiro, 3 — VILA REAL.

Colectiva. Requite. Galeria de Arte, Rua 21 de Agosto, 203. Diariamente até às 22.00 — VISEU.

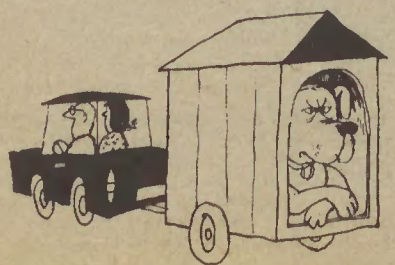
Tempo Fim de Semana



Amanhã o céu estará pouco nublado no Sul. No Norte e Centro haverá chuva fraca ao fim do dia e durante quinta-feira, que se estenderá às regiões do Sul na sexta-feira.

A partir de sábado registar-se-á uma melhoria do estado do tempo. O domingo será soalheiro em todo o País.

(Antevisão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)



aTV

A propaganda e a realidade

Era uma reportagem.
Uma terrível reportagem.
Medonha, implacável, desumana.
Enfim, os leitores escrevam por mim os adjectivos mais cruentos. Não serão suficientes para caracterizar a situação.

Foi assim: a polícia detectou uma fábrica de bolos e outros doces que trabalhava em péssimas condições de higiene. Verdadeira agressão à saúde pública. Não houve outro remédio senão levar os doces e os bolos para uma lixeira próxima...

... Lixeira onde os meninos dos bairros em volta se concentravam, escondidos, à espera que os bolos chegassem...

Depois deste pormenor (e quantos, ai quantos!, se poderiam registar) venha o Cavaco dizer que é a favor das classes mais desfavorecidas, e que tem feito muito por elas.

A verdade é que a miséria, a fome, o desemprego não fizeram senão crescer à sombra do descalabro cavaquista. É a realidade que o prova. E não há nenhuma propaganda que possa desnaturar a realidade.

Mais um «esquecimento»

Jornal das Nove abre com uma notícia urgente, uma notícia de última hora: o governo acaba de publicar no «Diário da República» a norma que anula a lei segundo a qual o «chumbo» a Português implicava o «chumbo» do ano.

Por esse país fora terá havido muito boa gente que deve ter pensado com os seus botões: ora aqui está um governo como deve ser que não hesitou em anular uma lei injusta...

... Tudo porque o jornalista em serviço «se esqueceu» de dizer que aquela decisão se processou contra vontade do governo; que ela desceu da Assembleia da República; e que a proposta partiu do grupo parlamentar do Partido Comunista...

Coisas simples, coisas que deviam ser ditas. Para evitar especulações e confusões. Enfim: para informar como deve ser.

Archie: rir e pensar

Uma vez mais quero chamar aqui a atenção para a série «Uma família às direitas».

«Uma família às direitas» é um título irónico, ele querá insinuar que se trata de uma família americana típica, cujo chefe, o Archie, é produto acabado da máquina de embrutecimento: estúpido, ignorante, boçal, ridículo, racista, anticomunista. A figura é dada criticamente e os princípios da sociedade americana saem feridos em todos os episódios.

Algumas do Archie:

«Em 1942 isso é que eram bons tempos, havia trabalho com fatura e tudo porque tínhamos uma bela guerra...»

A certa altura, Archie é visitado por um agente do FBI, a PIDE lá do sítio. O investigador quer saber quais são os seus melhores amigos. Archie gagueja. Entra em pânico:

— **Eu tenho vários melhores amigos. São tantos que alguns nem os conheço...**

Archie recorda-se de um amigo com quem às vezes anda:

— **Ele é dos que gritam Viva a paz! Abaixo a guerra! e outros slogans antiamericanos...**

A mulher vê-o tão enervado que procura sossegá-lo:

— **Tem calma, Archie, tu estás inocente!**

E o Archie, congestionado:

— **Estou inocente? Mas de quê?...**

Enfim, vamos ficar sem uma série que faz rir e faz pensar. Duas coisas que raramente andam juntas. Infelizmente.

Por muito que lhes custe o 25 de Abril está vivo

Foi, digamos, uma festa em grande aquela que reuniu candidatos e apoiantes da CDU no terraço do Vitória. Algo que só por si daria exacta medida da força da Coligação Democrática Unitária.

Pois bem. Quer nas reportagens do **telejornal** quer do **jornal das nove** essa grandeza de forma alguma transparecia. E não é que, no primeiro, a coisa tenha andado pelos 40 segundos (uns perdulários!) e pelos 30 segundos, no outro. Por vezes, o tempo não dá a verdadeira dimensão — é antes a forma como esse tempo é utilizado. E, no caso em questão, a tomada das imagens fazia-se de maneira a diminuir o impacto da notícia.

Tudo isto, afinal, prova como as hostes da direita andam alarmadas com a mobilização ágil e decidida das forças democráticas mais consequentes.

Pois ela que saiba: o 25 de Abril está vivo!

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Diferenças do PS e auto-retratos no PSD

Parece haver no PS algumas perplexidades e insólitos desencontros. O candidato António Guterres descobriu uma coisa verdadeiramente bizarra que propôs publicamente ao eleitorado: que este devia concentrar os seus votos no PSD e no PS a fim de garantir a tal «alternância» que o autor da proposta considera ser uma excelente solução para os problemas nacionais. Por seu lado, o candidato Nuno Brederode Santos alinhava no «Expresso» uns quantos considerandos acerca do sr. Aníbal Cavaco Silva que merecem manifestamente transcrição.

É plausível que o candidato Guterres pretenda substituir o sr. Cavaco, entre outras coisas à luz do que dele diz o candidato Brederode Santos. Agora o que não se vislumbra é, primeiro, como pretende ele alternar com Cavaco sozinho (será tipo 43% de Almeida Santos?...); segundo, apelar a uma forte votação no inimigo é um posicionamento com traços de delírio que conviria acompanhar.

Bastardos e legítimos

• «Na segunda incursão de Cavaco Silva na vida política, as acusações do seus adversários, partilhadas aliás por alguns da sua esfera político-partidária, não são essencialmente diferentes das que lhe foram dirigidas pela sua política de 1980 como ministro das Finanças. Em breve síntese, tudo se reconduz à ideia de navegação à vista das urnas.

Improviso conjuntural visando apenas fins eleitoralistas, a sua gestão não teria por suporte nenhum modelo de desenvolvimento, nem curaria de avaliar as grandes exigências da economia portuguesa. Perseguido o voto de hoje mesmo à custa do bem-estar de amanhã, ela favoreceu por sistema as opções cujos benefícios se concentram no curto prazo e em que a maior parte dos custos são diferidos. Propagandeando o mito da prossecução dos interesses da sociedade como um todo, ela desenvolveu-se no arripio dos critérios da eficiência económica, tendo em 1980 logrado evitar, nas eleições, a penalização que votantes melhor informados certamente lhe infligiriam. Sacrificando o correcto ao vistoso, soube apresentar-se de forma aliciante à comunicação social em 80 e manipulá-la em 86.

Da primeira vez, o saldo foi a vitória eleitoral, a prudente recusa de prosseguir em funções como ministro das Finanças para 1981 e a grave deterioração da situação da economia portuguesa durante esse ano, com o substancial agravamento da dívida externa e o disparo das tensões inflacionistas reprimidas. Claro que não foi Cavaco Silva, mas o seu sucessor, quem teve de dar a cara perante a opinião pública por tão delicada situação. O grande eleitorado ainda ignora que os bastardinhos da política económica são como os outros: se nascem hoje, não se lhes procure o pai no amor da véspera, mas nos enlevos de há nove meses atrás.

Na segunda experiência, agora como primeiro-ministro, as acusações são, no essencial, idênticas.

Tendo justificado a ruptura

do Governo do bloco central pela impossibilidade de serem adiadas reformas estruturais e estratégicas na sociedade portuguesa, não efectuou nenhuma, embora não tenha descurado a escolha dos necessários bodes expiatórios para o efeito. Esmerou-se na manipulação das estatísticas oficiais e numa monumental propaganda, usando os recursos financeiros e os grandes meios de comunicação social do Estado, fundamentalmente para fazer crer que as melhorias verificadas nos indicadores económicos de 1986 são o normal resultado da sua política económica. Tudo o mais que pautou a sua política económica de há sete anos esteve presente também agora. (...)

(Nuno Brederode de Santos, «Expresso», 6 de Junho)

Os políticos desta política

«(...) Há autores para quem o desprezo dos políticos pelas soluções dos economistas (e o consequente «falhanço da escolha pública») é algo de tão natural quanto fatal.

Uma razão importante para essa convicção consiste em que, se «o objectivo da acção pública é a maximização do bem-estar social», já «as decisões públicas são tomadas pelos políticos na base do seu próprio bem-estar e não no interesse da sociedade como um todo». Aliás, para eles, isto só significa que «os políticos são pessoas normais». (...) «A ideia do político como criatura dedicada à prossecução dos interesses da sociedade como um todo é hoje considerada um mito pela generalidade dos economistas.»

Acresce que «um importante factor de imperfeição do mercado político reside na possibilidade que os políticos têm de controlar a informação que fornecem aos cidadãos sobre os custos e benefícios das diferentes alternativas, exagerando-os ou escondendo-os conforme o seu interesse pessoal. Esta possibilidade facilita a tomada de decisões que se afastam dos critérios de eficiência

económica, já que os políticos conseguem evitar a penalização que tal lhes acarretaria em condições de perfeita informação dos votantes». (...) «Pela sua maior rentabilidade eleitoral, os políticos tendem a favorecer a escolha de alternativas em que predominar benefícios directos, imediatos e de fácil percepção e custos indirectos, distantes no tempo e não facilmente identificáveis». Isto é normal, porque «o horizonte temporal dos políticos é mais curto do que o da sociedade» e «o seu interesse principal é serem reeleitos de modo a permanecer no poder». Assim, «do ponto de vista do interesse privado do político é muito mais importante, por exemplo, o acto de se construir uma barragem (...) onde o seu partido domina, do que o facto de daí resultar um benefício social líquido a nível nacional». Por isso há «programas clinicamente financiados pelos governos» e «quando os políticos realçam verdadeiros benefícios produzidos por um projecto a cuja realização estão associados, procuram deixar na penumbra os custos suportados, assim como as alternativas que foram rejeitadas, porventura com maior benefício social líquido».

Também «a imperfeita informação que caracteriza o mercado político faz ainda com que seja mais rentável para os políticos a apresentação de novos projectos e o lançamento de grandes obras públicas, o que certamente é publicitado pelos meios de comunicação social» — que é «sem dúvida uma variável importante da função objectiva dos políticos» — «do que promover a execução e administração eficientes de programas públicos, o que não atrai grandemente a atenção dos jornalistas e em que os bons resultados alcançados não são normalmente atribuídos a um indivíduo ou a um pequeno grupo».

Finalmente, consideram tais autores que há que atender ao problema da «existência dos grupos de pressão»: «As decisões públicas são enviesadas a favor das opções cujos beneficiários se apresentam como grupos bem identificáveis e organizados, e contra as opções em que estes suportam os custos.

No controlo que exercem da informação, os políticos tendem a esconder os benefícios das alternativas que lançam os custos sobre grupos de pressão cuja actividade satisfaz os seus interesses particulares e a camuflar em os custos das escolhas em que esses grupos são os principais beneficiários.»

«(...) todas as passagens transcritas entre as aspas são respigadas do artigo «Políticos, burocratas e economistas», publicado na edição de Outubro de 1978 da revista «Economia», da autoria da Aníbal António Cavaco Silva. Talvez por o autor ignorar que um ano depois estaria na política, o texto respira boa-fé e espontaneidade e comove pela candura como uma cantiga de amigo ou um madrigal oitocentista.»

(Idem)

Damas

CVI — 9 de Junho de 1987
Proposição N.º 105
Por: Henri Chiland
«Secrets et merveilles du Jeu de Dames», 1968
Pr.: [7]: 8-9-17-19-27-36-40

